

ANNO 1°

25 de Junho de 1897

NUMÉRO 2.

REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Ilustrada

Director - M. Bolelho.



Redacção e Administração.

48 Rue de Laborde

Paris

A REVISTA MODERNA é uma publicação quinzenal; todavia para preparar e organizar a expedição das remessas para o Brazil, a administração vê-se forçada a publicar **mensalmente os 3 primeiros numeros.**

Fica entendido que as assignaturas de um anno comprehendem **24 numeros** e as de 6 mezes **12 numeros.**

Aos nossos leitores,

A REVISTA MODERNA, fundada com capitães próprios e realizados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada, sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

A realisação d'este pequeno, mas difficil, programma exigia, antes de tudo, uma collaboraço emminantemente superior e a influencia de grandes espiritos criticos que, permanentemente, orientassem a sua perfeita e completa execuço.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a soluço d'este problema, dando á nossa REVISTA a valiosa collaboraço de **EÇA DE QUEIROZ** cuja authoridade é indiscutivel em todo o mundo culto de Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a REVISTA MODERNA conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secço es do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjuncto.

AS QUESTÕES POLITICAS SERÃO RIGOROSAMENTE BANIDAS DO NOSSO PROGRAMMA, E A LUCTA DE PARTIDOS NÃO ENCONTRARÁ O MENOR ECHO, NAS NOSSAS COLUMNAS.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicações artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeiço ados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustraço, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execuço impecavel da mesma, será o objecto da nossa constante attenço.

Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo **magazine** pela variedade dos assumptos e uma **illustraço** de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos.

Iniciando uma publicação d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepço es que nos podem acolher; mas, sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa REVISTA.

A imprensa Portuguesa e Brasileira, sempre justa ás ideias boas e sinceras, estamos certos, dará á nossa publicação o lugar que lhe compete.

A DIRECCÃO.

Paris, 15 maio de 1897.

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um **CORREIO ILLUSTRADO** creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar entre as publicações de actualidade destinadas à Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na Revista Moderna, incumbe ao seu respectivo autor.

REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

A NOSSA COLLABORAÇÃO

No proximo numero da *Revista Moderna*, numero especial do Natal e do Anno Bom, publicaremos uma producção do poeta e romancista :

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

É mais um nome laureado que vem juntar-se á lista dos nossos distinctos colaboradores.

O NOSSO NUMERO

No presente numero encontrarão os nossos leitores um magnifico retrato *hors texte* do Barão do Rio-Branco acompanhado de um brilhante artigo assignado pelo nosso distincto collaborador Eduardo Prado.

Têm as nossas leitoras, n'este numero, o segundo suplemento de *Modas*. Colleccionando os mais elegantes modelos das principaes casas de Pariz, será esse suplemento devidamente apreciado.

MARC LEGRAND

A *Revista Moderna* fazendo uma excepção a inserção exclusiva de texto em portuguez, honrosa dá no presente numero uma bellissima poesia inedita de Marc Legrand gentilmente offerecida pelo autor á nossa publicação. Chamamos a attenção dos nossos leitores para esse inspirado trabalho que é mais uma affirmação do brilhante talento d'esse sympathico poeta que tanto se tem occupado das litteraturas portugueza e brasileira.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O nosso proximo numero, consagrado ás festas do Natal e

do Anno Bom, conterà 40 paginas e numerosas illustrações, muitas das quaes coloridas. Entre outros artigos publicaremos um conto do notavel homem de letras Eça de Queiroz; **NATAL PORTUGUEZ**, por Maria Amalia Vaz de Carvalho; **HISTORIA DE NATAL**, por Magalhães de Azeredo; **NATAL PARISIENSE**, por Xavier de Carvalho; **O NATAL DAS CRIANÇAS**, por Eduardo Prado; **O NATAL EM LONDRES**, por Maby; **A LEGIÃO PORTUGUEZA**, por Christovam Ayres, insigne historiographo do exercito portuguez; **SCENAS DE PIERROT**, artigo e photographias de A. da Cunha; **O VAPOR**, poema de H. Lopes de Mendonça; **NOITE D'INVERNO**, versos de M. Azeredo. **UM BRINDE DE POESIA** de Fontoura Xavier; **continuação d' A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES**, por Eça de Queiroz, etc.

O NUMERO DE EÇA DE QUEIROZ

Este nosso numero, tem tido em Portugal — como era de esperar — um enorme successo.

Afora o interesse com que o publico portuguez procura e deseja possuir tudo o que diz respeito ao Mestre, concorreu decerto poderosamente para tal successo o acolho brilhante que a imprensa d'aquelle paiz fez a este numero da *Revista Moderna*.

Cabe pois aqui o nosso agradecimento aos distinctos collegas de Portugal por nos terem secundado n'esta justa manifestação de sympathia e homenagem ao immortal autor da *Illustré Caza de Ramires*.

BRAZILEIROS E PORTUGUEZES EM PARIZ

JORGE O'NEILL

Já estava na machina o nosso ultimo numero quando tivemos o prazer de receber a agradavel visita do distincto e sympathico cavalheiro portuguez o senhor Jorge O'Neill, director do importantissimo estabelecimento : *Société Torlades*, tão dignamente reputado em Portugal e no estrangeiro. O Sr O'Neill que já se acha de regresso a Lisboa veio o Paris tratar da organisação de uma importantissima succursal que funcionará no Boulevard Haussmann, 33 sob a intelligente e competente direcção do amavel Sr. J. W. H. Bleck de quem tivemos tambem o prazer de uma visita. Agradecemos cordialmente a esses dois cavalheiros a amavel gentileza para com a nossa redacção.

D^r PAULO PRADO

Depois de uma ausencia de dezoito mezes temos o sincero prazer de registar a chegada a Pariz do nosso bom e velho amigo D^r Paulo Prado que vem como de costume fazer a sua pequena temporada n'este meio pariziense do qual é de ha muito um dos grandes apreciadores. Abraçamos com alegria o distincto companheiro desejando-lhe uma alegre e divertidissima estada.

D^r JOSÉ CARLOS RODRIGUES

Á redacção da *Revista Moderna* veio despedir-se, devendo regressar ao Brazil no paquete inglez *Magdalena*, o notavel jornalista, que tanto honra a imprensa brasileira, D^r J. C. Rodrigues, redactor chefe do *Jornal do Commercio*.

A *Revista Moderna* acha-se á venda, em Pariz, no escriptorio da redacção, 48, rue de Laborde; na livraria Calmann Lévy, 15, boulevard des Italiens; nos kiosques de jornaes situados em frente ao Grand-Hôtel (boulevard des Capucines), e nas galerias do theatro Odéon (Quartier latin).

LICÇÕES DE CANTO

A REVISTA MODERNA, continuando a não poupar nenhum sacrificio para ser agradavel ás suas amaveis leitoras, acaba de adquirir uma das mais preciosas collaborações musicaes, e ao mesmo tempo uma inovação absoluta na imprensa do nosso paiz.

M. P. Marcel professor de canto muito distincto, que n'um importante jornal parisiense inaugurou as suas licções de canto, commentadas e acompanhadas de trechos musicaes de muito valor, vae continuar esses trechos e essas licções na nossa Revista e estamos certos que o illustre professor obterá em Portugal e Brazil, o successo que tem tido em França.

As nossas leitoras apreciarão devidamente estas originaes e faceis licções do illustre professor P. Marcel que se iniciam, já no nosso numero de Natal, por uma pagina musical inédita do grande compositor M A S S E N E T acompanhada de um autographo do Mestre.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS.

Os tres primeiros numeros da 16ª série do Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Fundada em 1875, tem esta sociedade conquistado o respeito e a admiração do mundo culto. Traz o 1º n.º um curioso e esclarecido estudo sobre o *Umbundu*, a lingua do districto de Benguella.

Da mesma Sociedade recebemos :

O 1º volume das *Religiões Da Lusitania*, na parte concernente a Portugal, por J. Leite de Vasconcellos.

Dai-Nippon (O grande Japão), por Wenceslau de Moraes.

National and international regattas.

A *vida do Abba Daniel* no mosteiro Sceté, por Esteves Ferreira.

Hymno do Centenario da India, por Fernandes Costa.

Como se perdeu Ormuz, por Luciano Cordeiro.

A *Viagem da India*, poemeto em dois cantos, por Fernandes Costa.

Chronica dos reis de Bisnaga, por David Lopes.

Do distincto e illustrado historiador Luciano Cordeiro, recebemos, agradecidos, as suas e seguintes producções : As *obras dos Jeronymos*, parecer apresentado á Commissão dos Monumentos Nacionaes.

O ultimo padrao de Diogo Cão.

Inscrições portuguezas.

Os restos de Vasco da Gama.

A *Revista Illustrada*. — Não nos chegou ás mãos o ultimo numero d'essa revista, tão espirituosamente dezenhada no Rio de Janeiro.

Revue Illustrée. — Editores Ludovic Baschet, 12, rue de l'Abbaye, Pariz.

O numero 25, de 1º de dezembro do corrente anno, traz um bello conto acompanhado de excellentes gravuras. *La princesse des Chemins*, por Jean Lorrain, o conhecido conteur e jornalista;

um interessante estudo sobre Maurice Leloir, contos de Anatole France e Pierre Loti, e poesias relativas á festa do Natal.

O *Antonio Maria*. — Interessante e bem conhecido jornal humoristico de Raphael Bordallo Pinheiro. Vem como sempre, cheio de verve. Traz tambem dezenhos de Gustavo Bordallo Pinheiro, o qual segue as gloriosas pisadas de seu pae.

O *Sport Universel illustré*. — O seu n.º 72 traz uma boa chronica e curiosas secções, sobre pesca, automoveis, etc.

Revue du Brésil. — 56, Rue Saint-Georges, Pariz, Director : A. D'Atri.

Attrahente, como de costume, o n.º 27 da *Revue du Brésil*. Artigos em varias linguas commentam com proficiencia o acontecimentos do Brazil.

Le Brésil. — 19, Boulevard Montmartre, Pariz. — O ultimo numero nada deixa a desejar sob o ponto de vista noticioso. Informa com segurança e com imparcialidade a Europa do quanto se refere ao paiz, cujo nome adoptou.

A *moda elegante*. — Temos os dois primeiros numeros d'esta nova publicação, de que é redactora principal a Srª Blanche de Mirebourg, conhecida por suas chronicas de modas no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. São directores proprietarios d'*A moda elegante*, bem informado jornal, que muito promette nos dois primeiros exemplares, os senhores Guillard, Aillaud et Cª, 96, Boulevard Montparnasse.

A *Revista Moderna*, cujo numero 12, será especialmente um numero de Natal, fará, com a publicação do n.º 13, uma agradavel e bella surpresa aos seus assignantes e leitores de Portugal e do Brazil.

AGENCIA GERAL EM PORTUGAL

A direcção da *Revista Moderna* tem o prazer de comunicar aos seus estimados leitores que a importante casa editora de

ANTONIO MARIA PEREIRA

aceitou, para o futuro, a representação da nossa *Revista* em Portugal. Todas as communicações relativas ao movimento administrativo da *Revista Moderna* n'esse paiz, devem pois ser dirigidas ao

NOSSO UNICO AGENTE O S^{NR}

ANTONIO MARIA PEREIRA

Livreiro-Editor, 50-54, rua Augusta, Lisboa

A excellente reputação d'esta casa-editora é mais uma garantia para os nossos assignantes e leitores da regularidade e boa execução do nosso serviço.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

VICTORIA R. I.

As mulheres, n'este acabar de seculo, clamam contra as injustiças feitas ao seu sexo. Têm ellas porem, n'este mez de Junho de 1897, uma esplendida compensação.

A figura que hoje domina o mundo e é saudada de um extremo a outro da terra, é a de uma mulher e, o que é mais, é a de uma mulher velha. Os seus cabellos brancos, o seu vulto espesso de matriarcha, as suas rugas, estão em milhões de retratos nas paredes dos milhões de lares ricos ou pobres, onde é fallada a lingua ingleza, a mais fallada de todas as linguas.

O nome d'essa mulher foi um nome predestinado. A historia do povo que ella rege resume-se na palavra que é o seu nome : Victoria.

Luctou a Hespanha contra a Inglaterra no seculo XVI e foi vencida. Resistiram-lhe os holandezes e foram humilhados. Levantou-se contra ella a França e a lucta terminou em Trafalgar e em Waterloo.

N'uma madrugada de verão, ha sessenta annos, o Lord Chamberlain e o arcebispo de Canterbury foram despertar uma loura rapariga, de desoito annos, para annunciar-lhe que o velho rei Guilherme IV jazia morto na cama onde expirára e que ella, Victoria, era já rainha de Inglaterra.

Tinham-se passado vinte e dous annos desde Waterloo; havia desaseis annos que o salgueiro de Longwood, torcido dos ventos do sul, pendia sobre o tumulo do vencido. O vencedor, o Duque de Ferro, era vivo ainda e chefe do partido aristocratico da Inglaterra.

Não tinha mais a Inglaterra que enfrentar com a rivalidade de nação alguma. A Victoria saudada n'aquella manhan não era somente o symbolo de triumphos inglezes no passado. Estava-lhe reservado o destino de presidir a outras luctas e a outras conquistas.

N'este seculo, não teve a Inglaterra mais inimigos entre as nações. A sua lucta foi, não contra os povos, mas contra o mundo physico. Cumpria-lhe domar as ondas do mar e ganhar as terras novas que, no globo todo, tentavam a sua ambição. O seu destino foi o de vencer o Espaço ter-



O ultimo retrato da Rainha Victoria.

restre. O oceano foi logo seu. Sobre elle soltou as legiões dos seus navios que a sciencia tornara rapidos, grandes e fortes. E toda a terra foi envolta nos fios da rêde dos telegraphos ingleses. E com isso e com a sua energia, fundou a Inglaterra novas nações. Firmou o Imperio Indio; do Atlantico ao Pacifico estendeu o Dominio immenso do Canada; na Australia fundou grupos de prosperos paizes e o Cabo da Boa Esperança, que não passou de Esperança no passado, foi para ella uma deslumbrante realidade de riqueza e de poder, base do colossal Imperio que hoje vemos, que está sendo erguido pelos Ingleses e para os Ingleses, desde aquelles confins austraes até ás Pyramides do Egypto, cercadas das areas onde domina o poder britannico.

E tudo isso foi feito sob a invocação de Victoria! Os heroes militares da Inglaterra fazem-se matar, sob todos os climas do mundo, em lucta contra todos os barbaros, para terem ao peito a Cruz de Victoria! Os seus exploradores baptisam com esse nome, cuja fortuna nunca empalideceu, os montes nunca transpostos, os rios ignotos; em novas nações creadas, erguem-se cidades sob essa invocação, em terras d'antes nunca vistas, e hoje ricas e felizes. Esse nome apparece dado pelos sabios, na nomenclatura das flores e das plantas, vemol-o n'um grande lago, nas fontes outr'ora mythologicas do Nilo, apparece no catalogo das estrellas e a agua sombria das lagunas do Amazonas baloiça o calice branco e a folha espalmada e colossal da Victoria Regia!

A velha rainha preside ao maior Imperio que jamais houve no Mundo. Os Cesares Romanos tiveram dominios menos vastos. Semiramis não reinou sobre tantos seres humanos quantos são os subditos de Victoria. Isabel a Catholica não teve tão grande Imperio. Carlos V não teve, como ella, quatro centos milhões de subditos. Isabel de Inglaterra, nos seus maiores triumphos, não vio

senão lançados os alicerces da grandeza ingleza. Luiz XIV deu o seu nome a um seculo mas viveu para vêr a destruição da sua obra e a final humilhação da sua politica. O proprio Augusto, na velhice, chorou as suas legiões perdidas na Teutonia.

O destino de Victoria foi maior e mais feliz.

A sua effigie, no cunho das suas moedas, é, em toda a terra, a mais preciosa representação da riqueza, atraz da qual correm os homens.

No dia do seu jubiléu de diamante não haverá

canto da superficie do nosso planeta onde não se erga uma voz para saudar aquelle portento de fortuna e de grandeza. Sob as ogivas das velhas cathedraes de Inglaterra, sob as abóbodas dos vastos templos novos do Canada, da Australia e da Nova Zelandia, nos reductos perdidos, nos ermos africanos, nas ilhas semeadas no mar, o dia 22 de Junho será saudado com a magestade do cantico religioso e patriotico dos ingleses. O fumo de milhares de canhões, troando triumphaes, subirá pelas encostas do Himalaya e se ha de enovelar pelo dorso das ondas de todos os mares.

As mais antigas raças do globo, os mais broncos selvagens, pronunciarão todos n'esse dia o nome de Victoria e os fios immersos

nos abysmos, poderosos nervos invisiveis do mundo inglez, levarão até Londres, cerebro desse mundo, as vibrações dos enthusiasmos longinquos.

O povo inglez, no reinado que agora vae chegando ao seu occáso triumphal, é o povo mais livre da terra e o que mais alto se elevou na proeminencia humana. Os seus educadores aformosearam-no pelo culto da propria belleza e da força viril. — Os seus sabios deram-lhe a sciencia. — Os seus philisophos elevaram-lhe o espirito. — Os seus poetas sublimaram-no e o encantaram — Os seus estadistas engrandeceram-no — Os



O Juramento da Rainha Victoria.

seus artistas tornaram a vida ingleza a vida mais digna de ser vivida de quantas vidas se podem viver no mundo.

~~~~~

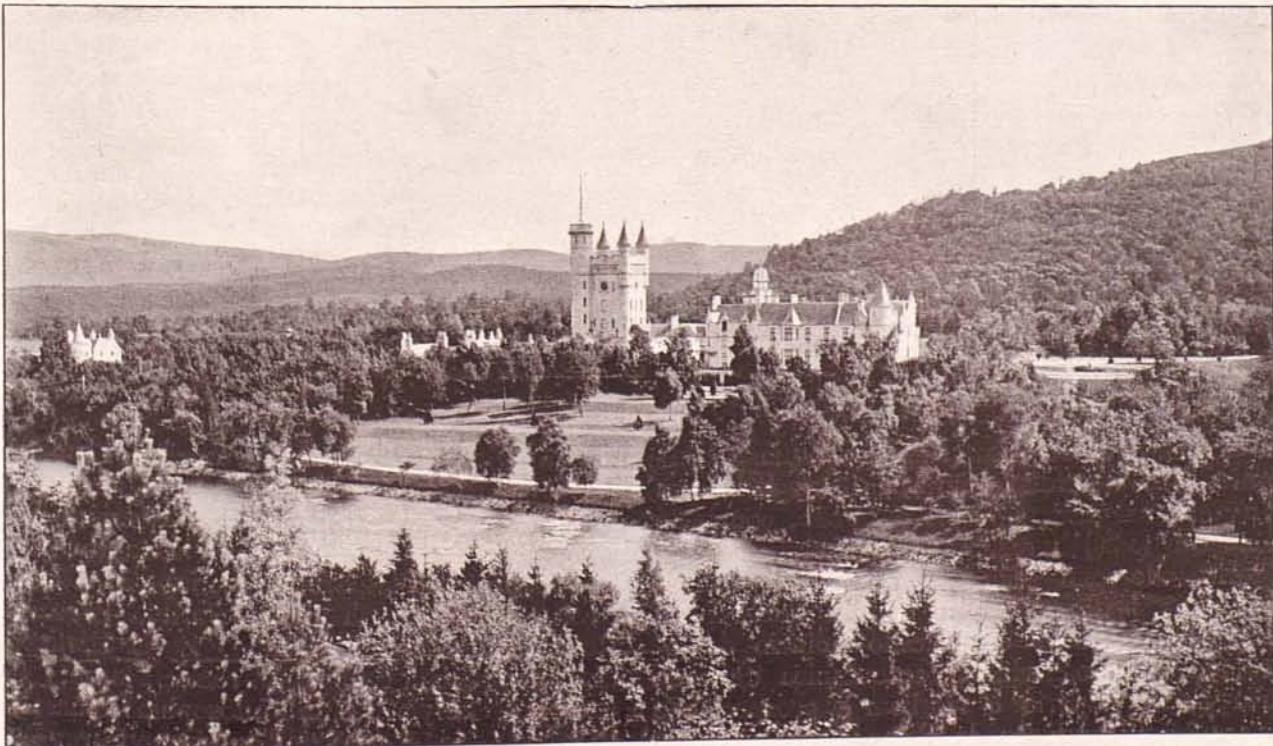
A velha soberana tornou-se para os ingleses o symbolo e o resumo de todas as glórias patrias. O jubileo, ora celebrado, não é exclusivamente uma homenagem pessoal. E', mais do que tudo, o jubileo da nação. E as nações estrangeiras acodem tambem a esta apothese, representadas pelos seus soberanos. A rainha pôde ser chamada : a mãe dos reis. Seu filho reinará sobre o Reino Unido; seu neto é o imperador allemão e o rei da Prussia; uma das suas netas é Imperatriz de todas as Russias; um dos seus filhos é soberano do ducado de Saxe-Coburgo e Gotha; uma de suas filhas foi Imperatriz da Allemanha; um dos seus netos é grão duque de Hesse; netas suas serão rainhas da Roumania e da Grecia; o rei da Belgica e o rei de Portugal são seus primos. A Allemanha está cheia de rebentos da sua raça e todos estes potentados olham para a soberana ingleza como para a sua avó veneravel...

Não foram os feitos de Victoria que deram á Inglaterra nem o seu poder nem as suas riquezas. A sua influencia foi porem extensa e benefica. O throno de Inglaterra não tinha até então brilhado pelas virtudes dos seus reis. Os reis devassos e gosadores que viveram materialmente, em todos os desmandos, desde Carlos II até Guilherme IV, tiveram em Victoria um successor que rehabilitou a realeza. A simplicidade da rainha, a sua pura virtude, o seu devotamento ao dever, o seu amor do lar, a



A Rainha Victoria aos 4 annos de idade.

sua adoração pelo marido, deram á sua união com o Principe Alberto um perfume de idyllo honesto que encantou a imaginação do seu povo que é o mais sentimental da terra apesar dos seus instinctos practicos. A viuvez inconsolavel da Rainha, o seu longo luto de trinta e seis



O castello de Balmoral.

annos, o seu retiro inviolavel, a sua dôr invenível, enterneceram todas as esposas e todas as familias inglezas. O respeito votado á Soberana, irreprehensivel transformou-se, universalmente, n'uma compassiva e indizível ternura. E esta ternura popularizou mais largamente, e mais affectivamente a Rainha do que o poderiam ter feito os deslumbramentos das festas e das solemnidades hoje quasi que inteiramente abolidas na Còrte.

Uma das feições mais notaveis d'este jubileo é que os sentimentos de lealdade e de dedicação pela soberana não se limitam á Inglaterra. Quando Victoria subio ao throno, as vastas e longinquas colonias eram consideradas como umas dependencias provisórias que os pensadores, os administradores e os homens d'Estado, de todos os partidos, consideravam bem proximas da separação inevitavel. No reinado de Victoria, nasceo a ideagrandiosa da existencia de um Imperio Britannico indivisivel. Esse Imperio cresceu pela expansão territorial, pela occupação effectiva de um continente inteiro como a Australia, pela concepção admiravel do Imperio Africano, pela unificação da metade da America do Norte no Dominio do Canadá. A expansão do territorio, quando a conquista não é seguida do povôamento e da expansão ainda mais efficaç do commercio, ensina a Historia, é cousa ephemera, destinada a perecer com o grande homem que a realisou, com a geração

que a executou, ou com a dynastia que a conseguiu. Não succedeu nem succederá isso com o Imperio colonial, imperio federado, composto de nações todas livres, ligadas á corôa de Inglaterra, demonstração irrefutavel de que a monarchia britannica é a melhor chave ideal d'aquelle colossal e complicado edificio de federações. A prosperidade autonômica de cada parte d'esse Imperio é tambem a prosperidade dos centros populosos da velha Inglaterra cujo excedente de população é transvasado para aquel-

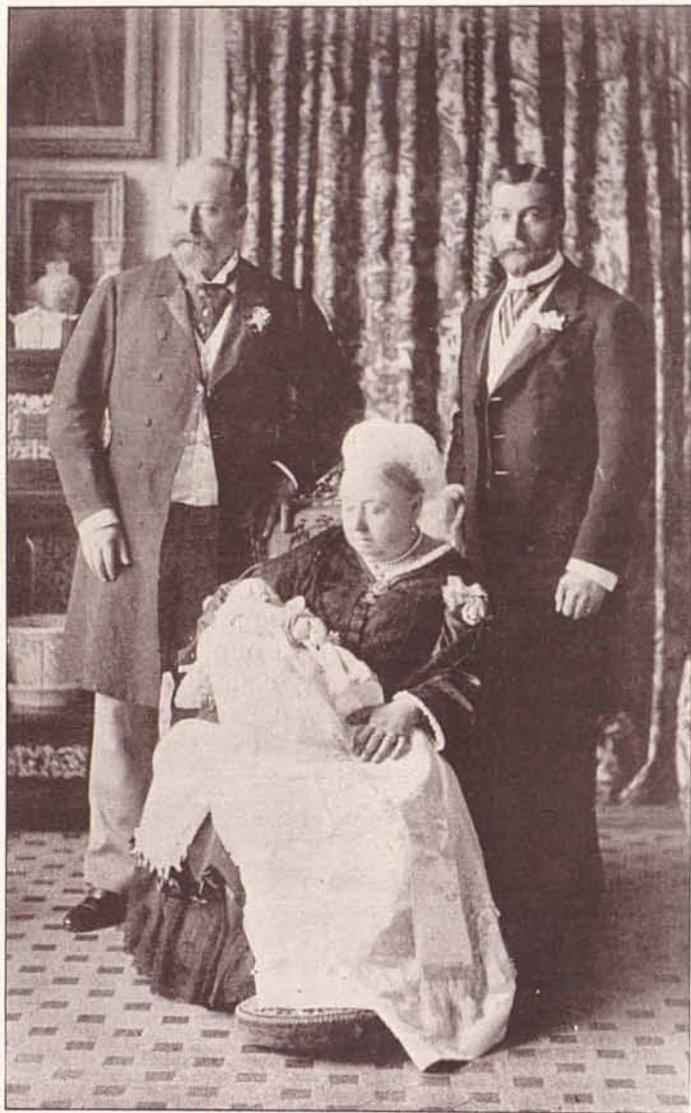
las terras novas onde é assombroso o crescimento da população, graças á incomparavel fecundidade da raça. A raça ingleza apoderou-se dos melhores quinhões do mundo, para a cultura da terra e para o commercio. Em todas as esquinas do globo abriram os inglezes as suas lojas e em todos os pontos estrategicos, içaram a sua bandeira e assestaram os seus canhões. Graças a isso, produzem, trocam, vendem, transportam e consummem em paz e em segurança, as lãs e as pelles, as carnes e o ouro da Australia, os cereaes, os productos agricolas, as madeiras e os metaes do

Canada, e o ouro e os brilhantes da Africa de Sul.

Toda esta espantosa prosperidade, segundo a falsa ideia que os latinos fazem das cousas, devia excluir o genio da Poesia e o genio da Arte. Pensará muita gente que esta supremacia material devia apenas ser effeito e ao mesmo tempo causa de um grande desenvolvimento scientifico. Na terra onde foi inventada a primeira locomotiva só se admitiria a sciencia, porque a sciencia é practica. Mas nunca a Poesia e nunca a Arte, porque não são practicas. Não foi porem assim: o reinado que vio Faraday, Darwin, Wallace, Bates, Hooker, Tyndall, Huxley, Lyell, Adams, Owen; exploradores como Burton, Speke, Livingstone e Stanley, e tantos outros que arrancaram segredos do mundo physico, foi o reinado da poesia.

Desde Southey e Wordsworth, a

poesia foi continuada pelos Browning, Tennysons, Mathew Arnold, Coventry Patmore, Elisabeth Barrett Browning, Rossetis, William Morris, e Swinburne. E no romance? Dickens, Thackeray, Bulwer Lytton, George Eliot, Brontë, Trollope, Mrs. Gaskell, George Meredith, Thomas Hardy, Stevenson, Rudyard Kipling, Maurier.... E na Historia? : Macaulay, Grote, Freeman, Froude, Maine, Lecky, Gardiner, Carlyle... E na Philosophia? Stuart Mill, Bain, Spencer! E na Arte? que fecunda revolução não foi a dos Inglezes na era victoriana? Os Alma



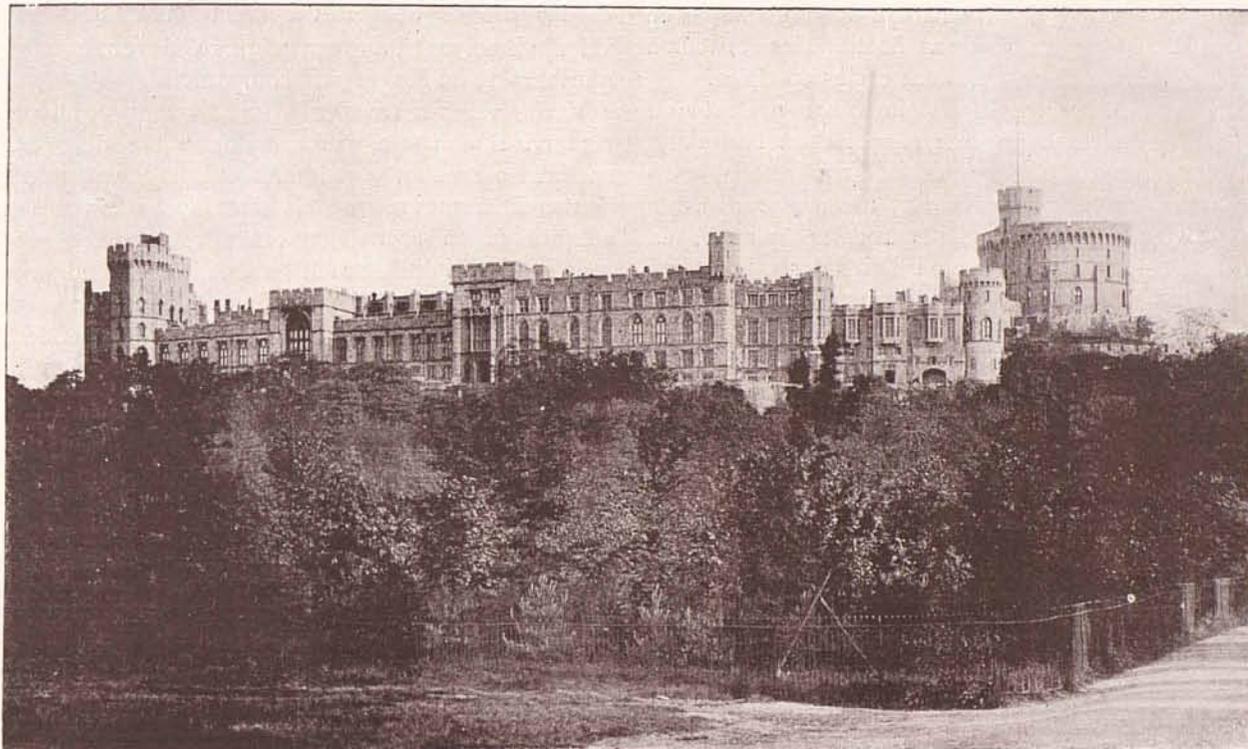
A rainha Victoria e os herdeiros da Corôa.

Taddema, os Millais, os Turner, os Landseer, os Whistler, os Burn-Jones e todo o preraphaelismo e o propheta Ruskin e os incomparaveis artistas que regeneraram a arte ornamental de nossos dias, fundindo tudo, o classico, o moderno, o exotico, o archaico, o japonês e o byzantino e conseguiram formar a ornamentação ingleza que hoje é a dominante na arte industrial levantada da vulgaridade franceza do tempo de Luiz Philippe e de Napoleão III.

E todo o desenvolvimento inglez n'este seculo prevaleceu na politica onde foi sempre de concilia-

ção e justiça o papel da Rainha, porque ella sempre soube não estorvar a acção dos seus grandes estadistas, desde lord Melbourne, sir Robert Peel, lord John Russell, lord Derby, lord Aberdeen, lord Palmerston, Disraeli, Gladstone e lord Salisbury, secundados pelos admiraveis oradores e administradores que, neste seculo, tanto honraram a Inglaterra.

Outra cousa cheia de grandes ensinos é que, acima de tudo isto, dominando tudo, influindo em tudo, acima de todos os interesses e de todas as politicas, sempre esteve na mente e no coração de



O castello de Windsor.

todos os inglezes o problema religioso. Os theologos inglezes sempre interessaram o publico. Os seus historiadores religiosos sempre tiveram leitores, quer sahissesem do protestantismo quer da religião catholica tão engrandecida, tão fortalecida e tão gloriosa neste reinado incomparavel. Os seus poetas e escriptores religiosos e o maior d'elles, o grande Cardeal Newmann, foram sempre figuras proeminentes na Patria ingleza. E o mais extraordinario des estadistas inglezes é o theologo Gladstone!

Esta é talvez a explicação de tudo e a causa de todas as grandezas da Inglaterra está em que o povo inglez, antes de tudo, é temente a Deus.

E com um cantico solemne e religioso, de que a primeira palavra é o nome de Deus, que esse povo hoje saúda Victoria Rainha e Imperatriz.

A grandeza dos reis da terra que passam, o inglez antepõe a grandeza do Eterno Rei, que não morre, e recompensa com a prosperidade a Virtude dos povos que o temem.

Essy.



# A Guerra Turco-Grega

**T**ERMINANDO o nosso precedente artigo sobre a guerra turco-grega, dizíamos que a Europa offerecia a sua mediação e se propunha ajudar a Grecia a terminar honrosamente o conflicto.

Essa mediação, e a intervenção pessoal do Czar, tiveram como resultado immediato a proclamação de um armistício, que fez cessar as hostilidades em toda a linha da fronteira thesalica, e nas costas do Epiro.

Esse armistício, que ainda dura sob pretexto de negociações diplomaticas, tem permitido á Turquia, a devastação, a saque e a fogo, de toda a Thessalia, como se estivesse no plano do Sultão, abandonar sómente essa provincia ás exigencias europeias, quando, da fertil região que era outr'ora o celloiro dos hellenos, só ficarem campos estereis, aldeias em ruinas, e empes-tados ribeiros.

E enquanto dura esta paz mais terrivel do que a guerra, o exercito grego, sem entusiasmo nem confiança, intrancheirado nos montes Othries, esta segunda barreira natural, escuta com anciedade os ruidos de revolta que partem de Athenas.

Depois da tomada de Volo pelos turcos, ou, para

melhor dizer, depois do abandono d'esta praça pelos gregos, duas grandes batalhas tiveram ainda lugar, antes da proclamação do armistício.

A primeira foi o combate de Valestino, onde os turcos luctaram, durante trez dias, contra a heroica resistencia da brigada de artilheria hellena, commandada pelo valente Smolenski, a quem os gregos devem as paginas gloriosas d'esta desgraçada companhia.

Varias vezes a cavallaria turca avançou, n'uma furia terrivel, ao passo que a artilheria de Edhem Pachá sustinha o assalto, e a infantaria marchava, por tres pontos differentes sobre a cidade. E todas as vezes esses ataques foram reppelidos pela bravura dos gregos, cuja artilheria decimava litteralmente o inimigo.

Como sempre os turcos, soffreram perdas consideraveis, mas como sempre venceram pela superioridade do numero, obrigando os gregos a uma nova retirada, que se effectuou n'uma ordem admiravel, graças á energia e sangue frio do coronel Smolenski.

Os turcos, depois de terem devastado e incendiado Valestino, segundo o seu costume, avançaram entre esta cidade e Pharsala, ao passo que 30,000 homens, e nume-



Os turcos incendiando Valestino.



As povoações gregas da Thessalia fugindo deante da invasão turca.

rosa artilheria marcham sobre Domokos, onde está concentrado o melhor das forças gregas e onde se acha o quartel-general do príncipe Constantino.

À frente d'esse grande exercito, estava Edhem Pachá em pessoa; toda a sua tactica, toda a sua grande experiencia, e o grosso das suas forças, fortes das victorias passadas, iam ser empregadas, no ataque d'esta ultima posição grega. O movimento dos seus tres corpos d'exercito, procurava, d'esta vez, envolver o nucleo grego e apoderar-se do príncipe real e de todo o estado maior helleno.

ainda, para a conclusão de uma paz, que sem attender á voracidade do Turco o obrigue a retirar-se da Thessalia, onde elle já opprime as populações christans, que não poderam fugir deante da invasão

A guerra turco-grega parece estar finda. Vem pois a proposito, n'esta liquidação de responsabilidades que vae, desde o rancor do povo helleno contra a dynastia dinamarqueza, até á lucta entre as diplomacias de Berlim e São Petersburgo, vem pois a proposito diziamos, render preito ao desinteresse, coragem e nobre sentimento dos voluntarios, que, de todos os pontos do globo, vieram



Os garibaldinos na batalha de Domokos

Sentindo que esta importante praça ia tambem ser abandonada, deante do brutal ataque das tropas de Edhem-Pachá e tendo tido conhecimento de que uma batalha decisiva — a de Gribovo — no Epiro, fôra um novo desastre para as phalanges gregas, o governo de Athenas fez um appello directo ás potencias europeias e particularmente ao Czar, que immediatamente, mandou um telegramma ao sultão pedindo a cessação das hostilidades.

Um armisticio geral foi então proclamado e a bandeira branca fluctuava em Lamia, quando os gregos, tendo perdido Domokos, retiravam já com numerosas perdas. As negociações diplomaticas, começavam então e duram

batalhar pela causa da humanidade, ao lado do fraco contra o forte, do opprimido contra o oppressor.

Os garibaldinos astuciosos e valentes, os francezes enthusiastas e bravos, os americanos aventureiros e destemidos, os inglezes graves e heroicos, todos enfim, que abandonaram os seu lares e calaram as suas affeições, para servirem desinteressadamente uma ideia, bem merecem o nosso amor e o nosso reconhecimento, principalmente n'este fim de seculo, em que o egoismo é lei, e em que uma nação christã, patria da philosophia, e especiosa inspiradora da razão humana, se glorifica de ver triumphar no oriente a terrivel divisa do seu terrivel estadista — *La force prime le droit*.

I. S.

# CANONIZAÇÃO

Ao expirar do Seculo, como para dizer que não morrerá com elle, a Egreja Catholica acaba de celebrar uma d'essas resplandecentes e memoraveis festas liturgicas, que na edade media teriam a importancia de acontecimentos universaes; mas ainda hoje, se as recentes canonisações, feitas com riquissima pompa na Basilica de S. Pedro, não parece pesarem extraordinariamente na balança do mundo, nem por isso o nome dos dois frades elevados á gloria do altar, deixa de

adquirir entre as varias gentes, nas terras mais civilisadas como nas mais barbaras e remotas, uma popularidade que muitos grandes homens tentariam em vão conquistar. Popularidade ampla, segura, sem reservas, sem decepções, sem perigo de futuros desthronamentos, nas almas simples e crentes, que rejubilam de certo com a vantagem de terem no ceo mais dois fortes protectores, a quem possam commetter a defêsa das causas mais delicadas e a obtenção das mercês mais difficeis. Em pouco tempo, os calendarios, os livros de reza, os sermões dos parochos, as homilias dos bispos, as estampas ingenuas que os missionarios distribuem aos neophytos, levarão até ás mais apar-

tadas regiões do orbe o culto e as feições de S. Pedro Fourier, fundador das Conegas de Nossa Senhora, e de Santo Antonio Zaccharias, fundador da ordem dos Barnabitas. E elles serão invocados nas longas ladainhas, e receberão devotas offerendas, e capellas, e templos se erigirão para hospital-os, á semelhança dos palacios com que, de longe em longe, a gratidão publica recompensa os serviços de um benemerito. De resto, o alcance moral das canonisações é incontestavel, e ellas não são, salvo pela forma especial de que se revestem, uso exclusivo da Egreja. A sciencia, a arte, a politica, lá têm os seus santos leigos, que a opinião, e depois a historia, nos impoem mais ou menos definitivamente; e o Culto da Humanidade, remate ideal do Positivismo, não é outra cousa senão moderna transformação philosophica de uma instituição religiosa e antiga.

O que, porem, faz a originalidade das canonisações são as formalidades que as precedem e acompanham, e que o Catholicismo, avêssó ás minimas modificações do dogma e do rito, tem conservado immutaveis atravez das seculares metamorphoses humanas. Longos e fastidiosos inqueritos, exame implacavel das provas documentaes e testemunhaes, debates de uma severidade quasi irritante, em que velhos juizes de sotaina, affeitos ás distincções subtis da casuistica e do confessor-

nario, não poupam nem os pormenores mais intimos da vida nem as intenções mais reconditas da consciencia. Já, porfim, os prefeitos e consultores das varias congregações esmiuçaram, durante annos a fio, segundo as regras da theologia e da moral, as idéas e as obras dos dois candidatos ás honras do altar; já o advogado do Diabo, com eloquencia ora violenta, ora escarvinha, lhes discutiu e amesquinhou systematicamente os meritos; já as suas objecções mais especiosas foram triumphantemente rebatidas, e o processo volumoso subiu á presença do Pontífice supremo, depois de passar pelas mãos de prelados tão numerosos como illustres. Só resta que a palavra do grande Sacerdote confirme e solemnemente proclame os

titulos dos Eleitos á veneração dos povos.

É o que fez Leão XIII a 27 de maio, com deslumbrante fausto qual ha muito não se via, em relação aos dois monges que Pio IX já tinha beatificado. Pela primeira vez, depois de 1870, o Papa entrou na Basilica pela porta principal. Para isso teve que sahir do recinto extraterritorial do Vaticano, e dar alguns passos — poucos embora — em solo italiano. Se não fossem as tapeçarias collocadas no extremo da magestosa columnata do Bernini, as tropas postadas na praça de S. Pedro teriam de prestar ao Summo Pontífice as honras soberanas que lhe destinou a celebre lei das garantias. Mas que valiam essas tapeçarias, occultando aos olhos do publico o maravilhoso cortejo, se ahi estavam as cem mil lingoas indiscretas da imprensa para divulgar o facto, que sem duvida até hoje excita, e por muito tempo excitará ainda,



São Pedro Fourier.

os commentarios da sociedade romana? Grande e significativo facto na verdade; para as questões firmadas — como a do poder temporal — no campo dos principios intransigentes, a menor mudança de attitude tem alcance larguissimo; e cumpre pensar, alem d'isso, que no Vaticano nada se faz que não seja maduramente reflectido e ponderado. Parece, pois, que o nobre e puro espirito de Leão XIII, abalançando-se a tal resolução no fim da vida, está desde já indicando ao seu successor o caminho que convem seguir a esse respeito. É claro que não pode ser eterno — por motivos de mera politica — o deploravel divorcio que vemos entre a Santa Sé e uma nação christã, de todas a que lhe está mais proxima, aquella de cujo seio, por tradição ininterrupta, têm sahido os Papas todos dos ultimos tres séculos.

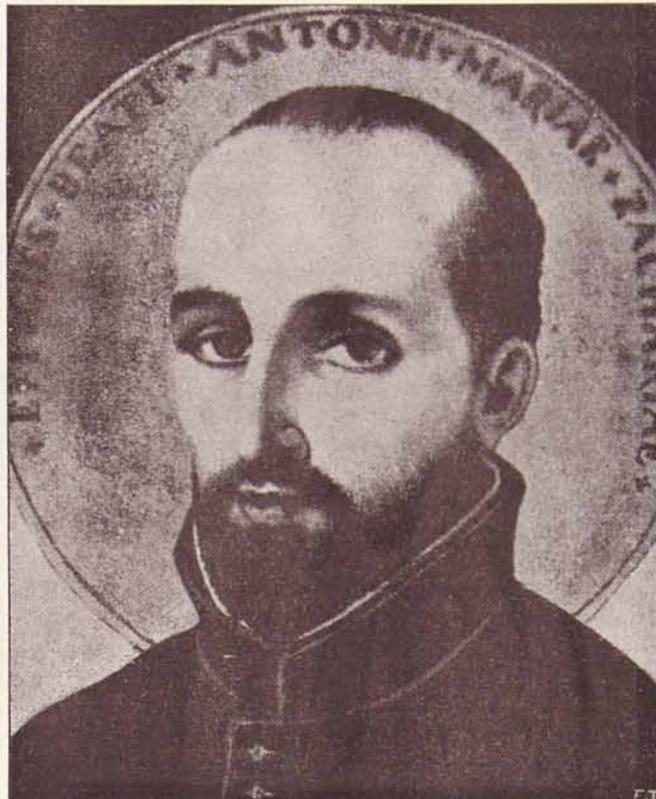
As festas do Catholicismo têm um profundo encanto, um esplendor suggestivo e fascinante, uma solemne e ineffavel grandeza, que as mais insignes côrtes do mundo não podem dar ás suas ceremonias. Têm o prestigio da antiguidade, o dominio da universalidade, a formosura poetica dos symbolos, a fulgurancia dos paramentos recamados, a grave harmonia dos psalmos e dos kyries, as notas profundas do órgão, as luzes innumeraveis dos cirios, as espiraes vaporosas e intensamente aromaticas do incenso, formando dentro dos templos uma atmospherã de sonho e extasi, e as canções argentinas dos sinos, espalhando pelo largo espaço os convites da fé e da esperanza.

Demais, a Basilica de S. Pedro é a mais vasta, a mais bella, a mais opulenta das que edificou a Renascença; e se não tem o caracter austero das cathedraes góthicas, cuja penumbra chama a alma ao recolhimento e ás compungidas meditações, tem o brilho dos bronzes, a variedade dos marmores multicolores, os matizes vivos dos mosaicos, as tintas alegres dos frescos, e por isso melhor se adapta ás pompas gloriosas, em que a Religião apparece, já não militante ou penitente, mas triumphante.

Compacta multidão — tanta quanta podem conter os ambitos da colossal Basilica — assiste á

entrada do prestito desde a porta principal até ao baldaquino da Confissão. Formam-no os suissos, com os seus trajés vistosos de listras azues e amarellas, os moços elegantes da guarda-nobre, fidalgos de alta linhagem, com os seus capacetes de prata e os seus alamares de ouro, os camaristas de capa e espada com o vestuario da epoca de Francisco I, os conegos com as suas murças debruadas de vermelho, os monsenhores com os seus manteletes rôxos, os bispos com as suas mitras scintillantes de pedrarias, empunhando ponderosos baculos pastoraes, os cardeaes eminentissimos com os mantos de purpura a arrastar pelo chão, os dois principes assistentes ao solio, representantes das muito excellentes casas Colonna

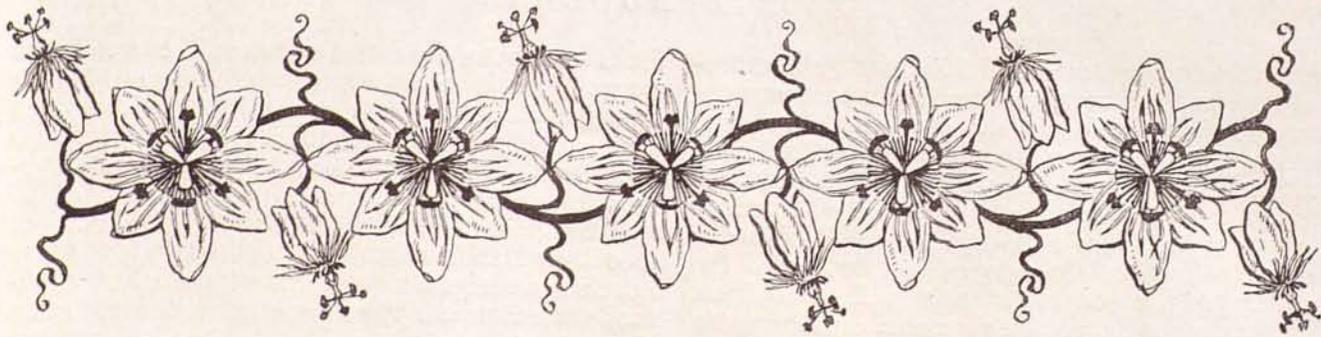
e Orsini; e finalmente, sobre a *sedia gestatoria*, carregada aos hombros pelos servidores do Vaticano, vem o velho Papa, exangue e magrissimo, debil e tremulo, coberta a cabeça pela tiara, envolto o corpo até aos pés no pluvial coruscante, bordado a ouro, constellado das joias mais preciosas; elle sorri com um sorriso fatigado e bondoso; a sua dextra levanta-se a cada instante para conceder a benção apostolica; e nos seus olhos negros fulge uma penetrante chamma de intelligencia, robusta e intacta entre as ruinas da idade... Leão XIII sobe ao throno; os alvos *flabelli* se movem brandamente de um lado e de outro lado. Começa a Missa da Canonisação.



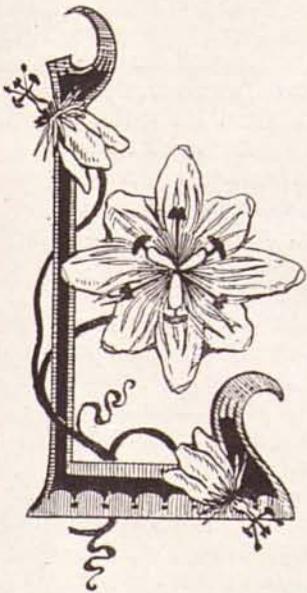
Santo Antonio Zaccharias.

E quando a vista se distrahe d'essas figuras vivas que enchem a egreja, movendo-se e falando, outras figuras não menos vivas — bem que de marmore ou de bronze — attrahem irresistivelmente o espirito: o Pio VI de Canova que reza tão devotamente junto ao tumulo de S. Pedro, os dois leões do mausoleo de Clemente XIII, um que dorme, outro que rugo, o Sixto IV que repousa na capella do Santissimo Sacramento, a Pietã de Miguel Angelo, grupo tão bello como os da esculptura grega e mais tocante que elles, e essa Verdade que está no sepulchro de Paulo III, filha tambem de Buonarotti, e tão triumphalmente formosa que foi preciso cobrir-lhe a nudez...

MAGALHÃES AZEREDO.



## JOSÉ MATHIAS



INDA tarde meu amigo!... Estou esperando o enterro do José Mathias — do José Mathias d'Albuquerque, sobrinho do Visconde de Garmilde... O meu amigo certamente o conheceu — um rapaz airozo, louro como uma espiga, com um bigode crespo de paladino sobre uma boca indecisa de contemplativo, destro cavalleiro, d'uma elegancia sobria e fina. E espirito curioso, muito affeioado ás ideas geraes, tão penetrante que comprehendeu a minha *Defeza da Philosophia Hegeliana!* Esta imagem do José

Mathias data de 1865 : por que a derradeira vez que o encontrei, n'uma tarde agreste de Janeiro, mettido n'um portal da rua de S. Bento, tiritava dentro d'uma quinzena cõr de mel, roida nos cotovellos, e cheirava abominavelmente a aguardente.

Mas o meu amigo, n'uma occasião que o José Mathias parou em Coimbra, recolhendo do Porto, ceou com elle, no Paço do Conde! Até o Craveiro, que preparava as *Ironias e Dõres de Satan*, para acirrar mais a briga entre a Escola Purista e a Escola Satanica, recitou aquelle seu soneto, de tão funebre idealismo : *Na jaula do meu peito o coração...* E ainda lembro o José Mathias, com uma grande gravata de setim preto tufada entre o colete de linho branco, sem despegar os olhos das vellas das serpentinas, sorrindo pallidamente áquelle coração que rugia na sua jaula... Era uma noite d'Abril, de lua cheia. Passeamos depois em bando, com guitarras, pela Ponte e pelo Choupal. O Januariario cantou ardentemente as endeixas romanticas do nosso tempo :

Hontem de tarde ao sol posto  
Contemplavas, silencioza,  
A torrente caudalosa  
Que refervia a teus pés....

E o José Mathias, encostado ao parapeito da Ponte, com a alma e os olhos perdidos na lua!  
— Porque não accompanha o meu amigo este moço

interessante ao Cemiterio dos Prazeres? Eu tenho uma tipoia, de praça e com numero, como convem a um Professor de Philosophia... O que! Por causa das calças claras? Oh! meu caro amigo! De todas as materializações da sympathia nenhuma mais grosseiramente material do que a casimira preta. E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista!

Vem o caixão sahindo da Egreja... Apenas tres carruagens para o acompanhar. Mas realmente, meu caro amigo, o José Mathias morreu ha seis annos, no seu puro brilho. Esse, que ahi levamos, meio decomposto, dentro de taboas agaloadas d'amarello, é um resto de bebedo, sem historia e sem nome, que o frio de Fevereiro maitou no vão d'um portal.

O sujeito d'oculos d'ouro, dentro do coupé?... Não conheço, meu amigo. Talvez um parente rico, d'esses que apparecem nos enterros, com o parentesco correctamente coberto de fumo, quando o defunto já não importuna, nem compromette. O homem obeso de carão amarello, dentro da vittoria, é o Alves *Capão*, que tem um jornal onde desgraçadamente a Philosophia não abunda e que se chama a *Piada*. Que relação o prendia ao Mathias?... Não sei. Talvez se embebedassem nas mesmas tascas; talvez o José Mathias ultimamente collaborasse na *Piada*; talvez debaixo d'aquella gordura e d'aquella litteratura, ambas tão sorridas, se abrigue uma alma compassiva. Agora é a nossa tipoia... Quer que desça a vidraça? Um cigarro?... Eu trago phosphoros. Pois este José Mathias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução logica e pretende que a espiga nasça coherentemente do grão. Em Coimbra sempre o consideramos como uma alma escandalosamente banal. Para este juizo concorria talvez a sua horrenda correcção. Nunca um rasgão brilhante na batina! nunca uma poeira estouvada nos sapatos! nunca um pello rebelde do cabello ou do bigode fugindo d'aquelle rigido alinhado que nos desolava! Alem d'isso, na nossa ardente geração, elle foi o unico intellectual que não rugio com as miserias da Pollonia; que leu sem pallidez ou pranto as *Contemplações*; que permaneceu insensivel ante a ferida de Garibaldi! E todavia n'esse José Mathias nenhuma seccura ou

dureza ou egoísmo ou desaffabilidade! Pelo contrario! Um suave camarada, sempre cordeal, e mansamente risonho. Toda a sua inabalável quietação parecia provir d'uma immensa superficialidade sentimental. E, n'esse tempo, não foi sem razão e propriedade que nós alcunhamos aquelle moço tão macio, tão louro e tão ligeiro, de *Mathias-Coração-de-Esquido*. Quando se formou, como lhe morrerá o pae, depois a mãe, delicada e linda senhora de quem herdára cincoenta contos, partio para Lisbôa, alegrar a solidão d'um tio que o adorava, o general Visconde de Garmilde. O meu amigo sem duvida se lembra d'essa perfeita estampa de general classico, sempre de bigodes terrificamente encerados, as calças côr de flôr de alecrim desesperadamente esticadas pelas presilhas sobre as botas coruscantes, e o chicote debaixo do braço com a ponta a tremer, avida de vergastar o Mundo! Guerreiro grotesco e deliciosamente bom... O Garmilde morava então em Arroyos, n'uma casa antiga de azulejos, com um jardim, onde elle cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dhálias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto d'hera que o separava d'outro jardim, o largo e bello jardim de rosas do Conselheiro Mattos Miranda, cuja casa, com um arejado terraço entre dous torreões amarellas, se erguia no cimo do outeiro e se chamava a casa da « Parreira ». O meu amigo conhece (pelo menos de tradição, como se conhece Helena de Troia ou Inez de Castro) a formosa Elvira Miranda, a Elvira da Parreira... Foi a sublime belleza romantica de Lisbôa, nos fins da Regeneração. Mas realmente Lisbôa apenas a entrevia pelos vidros da sua grande caleche, ou n'alguma noite d'illuminação do Passeio Publico entre a poeira e a turba, ou nos dous bailes da Assembleia do Carmo de que o Mattos Miranda era um director venerado. Por gosto borralheiro de provinciana; ou por pertencer áquella burguezia séria que n'esses tempos, em Lisbôa, ainda conservava os antigos habitos severamente encerrados; ou por imposição paternal do marido, ja diabetico e com sessenta annos, a Deusa raramente emergia d'Arroyos e se mostrava aos mortaes. Mas quem a vio, e com facilidade constante, quasi irremediavelmente, logo que se installou em Lisbôa, foi o José Mathias — porque jazendo o palacete do general na falda da collina, aos pés do jardim e da caza da Parreira, não podia a divina Elisa assomar a uma janella, atravessar o terraço, colher uma roza entre as ruas de buxo, sem ser deliciosamente visivel, tanto mais que nos dous jardins assoalhados nenhuma arvore espalhava a cortina da sua rama densa. O meu amigo de certo trauteou, como todos trauteamos, aquelles versos gastos mas immortaes :

Era no outono quando a imagem tua  
A luz da lua.....

Pois, como n'essa estrophe, o pobre José Mathias, ao regressar da praia da Ericeira em outubro, no outono, avistou Elisa Miranda, uma noite, no terraço, á luz da lua! O meu amigo nunca contemplou aquelle precioso typo d'encanto Lamartiniano. Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação biblica da palmeira ao vento. Cabellos negros, lustrosos e ricos, em bandós ondeados.

Uma carnação de camelia muito fresca. Olhos negros, liquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas..... Ah! meu amigo, até eu, que já então laboriosamente annotava Hegel, depois de a encontrar n'uma tarde de chuva esperando a carruagem á porta do Seixas, a adorei durante trez exaltados dias, e lhe rimei um soneto! Não sei se o José Mathias lhe dedicou sonetos. Mas todos nós, seus amigos, percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebêra, desde a noite d'outono, á luz da lua, aquelle coração, que em Coimbra consideravamos de *esquilo*!

Bem comprehende que homem tão comedido e quieto não se exhalou em suspiros publicos. Já no tempo, porem, d'Aristoteles se affirmava que amor e fumo não se escondem; e do nosso cerrado José Mathias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve atravez das fendas invisiveis d'uma casa fechada que arde terrivelmente. Bem me recordo d'uma tarde que o visitei em Arroios, depois de voltar do Alemtejo. Era um domingo de Julho. Elle ia jantar com uma tia-avó, uma D. Mafalda Noronha, que vivia em Bemfica, na quinta dos Cedros, onde habitualmente jantavam tambem aos domingos o Mattos Miranda e a divina Elisa. Creio mesmo que só n'essa casa ella e o José Mathias se encontravam, sobretudo com as facilidades que offerecem pensativas alamedas e retiros de sombra. As janellas do quarto do José Mathias abriam sobre o seu jardim e sobre o jardim dos Mirandas: e, quando entrei, elle ainda se vestia, lentamente. Nunca admirei, meu amigo, face humana aureolada por felicidade mais segura e serena! Sorria illuminadamente, quando me abraçou, com um sorriso que vinha das profundidades da alma illuminada; sorria ainda deliciosamente enquanto eu lhe contei todos os meus desgostos no Alemtejo: sorriu depois extaticamente, alludindo ao calor e enrolando um cigarro distraido; e sorriu sempre, enlevado, a escolher na gaveta da commoda, com escrupulo religioso, uma gravata de seda branca. E a cada momento irresistivelmente, por um habito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos, se voltavam para as vidraças fechadas... De sorte que, acompanhando aquelle raio ditoso, logo descobri, no terraço da caza da Parreira, a divina Elisa, vestida de claro, com um chapéu branco, passeando preguiçosamente, calçando pensativamente as luvas, e espreitando tambem as janellas do meu amigo, que um lampejo obliquo do sol offuscava de manchas d'ouro. O José Mathias no entanto conversava, antes murmurava, atravez do sorrizo perenne, coisas affaveis e dispersas. Toda a sua attenção se concentrava deante do espelho, no alfinete de coral e perola para prender a gravata, no collete branco que abotoava e ajustava com a devoção com que um padre novo, na exaltação candida da primeira missa, se reveste da estôla e do amito para se acercar do altar. Nunca eu vira um homem deitar, com tão profundo extasi, agoa de Colonia no lenço! E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma soberba roza, foi com ineffavel emoção, sem reter um delicioso suspiro, que abriu largamente, solememente, as vidraças! *Introibo ad altarem Deae!* Eu permaneci discretamente enterrado no sophá. E, meu caro amigo acredite! invejei aquelle homem á janella, immo-

vel, hirto na sua adoração sublime, com os olhos e a alma e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao Mundo como se o Mundo fosse apenas o ladrilho que ella pisava e cobria com os pés!

E este enlevo, meu amigo, durou dez annos, assim esplendido, puro, distante e immaterial! Não ria... De certo se encontravam na quinta de D. Mafalda: de certo se escreviam, e transbordantemente, atirando as cartas por cima do muro que separava os dous quintaes: mas nunca, por cima das heras d'esse muro, procuraram a rara delicia d'uma conversa roubada ou a delicia ainda mais perfeita d'um silencio escondido na sombra. E nunca

Essa espiritualisação era facil ao José Mathias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista; mas a humana Elisa encontrou tambem um gozo delicado n'essa ideal adoração de monge, que nem ousa roçar, com os dedos tremulos e embrulhados no roçario, a tunica da Virgem sublimada. Elle, sim! elle gozou n'esse amor transcendentemente desmaterializado um encanto sobre humano. E durante dez annos, como o Ruy-Blas do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante! Sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, n'uma fusão tão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser. Acreditará o meu amigo que



trocaram um beijo... Não duvide! Algum aperto de mão fugidio e soffrego, sob os arvoredos da D. Mafalda, foi o limite exaltadamente extremo, que a vontade lhes marcou ao desejo. O meu amigo não comprehende como se mantiveram assim dous frageis corpos, durante dez annos, em tão terrivel e morbido renunciamento... Sim, de certo lhes faltou, para se perderem, uma hora de segurança ou uma portinha no muro. Depois a divina Elisa vivia realmente n'um mosteiro, em que ferrolhos e grades eram formados pelos habitos rigidamente reclusos do Mattos Miranda, diabetico e tristonho. Mas na castidade d'este amor entrou muita nobreza moral e finura superior de sentimento. O amor espiritualisa o homem — e materialisa a mulher.

elle abandonnou o charuto, mesmo passeando solitariamente a cavallo pelos arredores de Lisboa, logo que descobrira na quinta de D. Mafalda, uma tarde, que o fumo perturbava Elisa?

E esta presença real da divina creatura no seu ser creou modos novos no José Mathias, estranhos, derivando da hallucinação. Como o Visconde de Garmilde jantava cedo, á hora vernacula do Portugal antigo, José Mathias ceava depois da Opera, n'aquelle delizioso e saudoso Café Central, onde o linguado parecia frito no ceu e o Collares no ceu engarrafado. Pois nunca ceava sem serpentinas profusamente accesas e a mesa juncada de flôres. Porque? Porque Elisa tambem ceava, invisivel. D'ahi esses silencios banhados n'um sorriso religiosamente

attento... Porque? porque a estava sempre escutando! Ainda me lembro d'elle arrancar do quarto trez gravuras classicas de Faunos ousados e Nymphas rendidas... Elisa pairava idealmente n'aquelle ambiente; e elle purificava as paredes, que mandou forrar de sedas claras. O amor arrasta ao luxo, sobretudo amor de tão elegante idealismo: e o José Mathias prodigalisou com esplendor o luxo que ella partilhava. Decentemente não podia andar com a imagem d'Elisa n'uma tipoia de praça, nem consentir que a augusta imagem roçasse pelas cadeiras de palhinha da platea de S. Carlos. Montou portanto carruagens d'um gosto sobrio e puro: e assignou um camarote na Opera, onde installou, para ella, uma poltrona pontifical, de setim branco, bordado a estrellas d'ouro.

Alem d'isso como descobrira a generosidade d'Elisa, logo se tornou congenere e sumptuosamente generoso: e ninguem existio então em Lisboa que espalhasse, com facilidade mais risosna, notas de cem mil reis. Assim desbaratou, rapidamente, sessenta contos com o amor d'aquella mulher a quem nunca dera uma flôr!

E, durante esse tempo, o Mattos Miranda? Meu amigo, o bom Mattos Miranda não desmanchava nem a perfeição, nem a quietação d'esta felicidade! Tão absoluto seria o espiritualismo do José Mathias que apenas se interessasse pela alma d'Elisa, indifferente ás submissões do seu corpo, envulcro inferior e mortal?... Não sei. Verdade seja! aquelle digno diabetico, tão grave, sempre de cache-nez de lã escura, com as suas suissas grisalhas, os seus ponderosos oculos d'ouro, não suggeria ideas inquietadoras de marido ardente, cujo ardor, fatalmente e involuntariamente, se partilha e abrasa. Todavia nunca comprehendí, eu, Philosopho, aquella consideração, quasi carinhosa, do José Mathias pelo homem que, mesmo desinteressadamente, podia por direito, por costume, contemplar Elisa desapertando as fitas da saia branca!... Haveria alli reconhecimento por o Miranda ter descoberto n'uma remota rua de Setubal, (onde José Mathias nunca a descortinaria) aquella divina mulher, e por a manter em conforto, solidamente nutrida, finamente vestida, transportada em caleches de macias mollas? Ou recebera o José Mathias aquella costumada confidencia — « não sou tua, nem d'elle » — que tanto consola do sacrificio por que tanto lisongea o egoismo?... Não sei. Mas com certeza este seu magnanimo desdem pela presença corporal do Miranda no templo onde habitava a sua Deusa dava à felicidade de José Mathias uma unidade perfeita, a unidade d'um crystal que por todos os lados rebrilha, igualmente puro, sem arranhadura ou mancha. E esta felicidade, meu amigo, durou dez annos... Que escandaloso luxo para um mortal!

Mas um dia, a terra, para o José Mathias, tremeu toda, n'um terramoto d'incomparavel espanto. Em Janeiro ou Fevereiro de 1871, o Miranda, já debilitado pela diabetes, morreu com uma pneumonia. Por estas mesmas ruas, n'uma pachorrenta tipoia de praça, acompanhei o seu enterro numeroso, rico, com Ministros, porque o Miranda pertencia ás Instituições. E depois, aproveitando a tipoia, visitei o José Mathias em Arroios, não por curiosidade perversa, nem para lhe levar felicitações indecentes, mas para que, n'aquelle lance

deslumbrador, elle sentisse ao lado a força moderadora da Philosophia... Encontrei porem com elle um amigo mais antigo e confidencial, aquelle brilhante Nicolau da Barca, que já conduzi tambem a este cemiterio, onde agora jaseem, debaixo de lapides, todos aquelles camaradas com quem levantei castellos nas nuvens... O Nicolau chegara da Velloso, da sua quinta de Santarem, de madrugada, reclamado por um telegramma do Mathias. Quando entrei, um creado atarefado arranjava duas malas enormes. O José Mathias abalava n'essa noite para o Porto. Já envergara mesmo um fato de viagem, todo negro, com sapatos de couro amarello: e depois de me sacudir a mão, enquanto o Nicolau remexia um grog, continuou vagando pelo quarto, callado, como embaçado, com um modo que não era emoção, nem alegria pudicamente disfarçada, nem surpresa do seu destino bruscamente sublimado. Não! se o bom Darwin nos não illude no seu livro da *Expressão das Emoções*, o José Mathias, n'essa tarde, só sentia e só exprimia embaraço! Em frente, na casa da Parreira, todas as janellas permaneciam fechadas sob a tristeza da tarde cinzenta. E todavia surpreendi o José Mathias atirando para o terraço, rapidamente, um olhar em que transparecia inquietação, anciedade, quasi terror! Como direi? Aquelle é o olhar que se resvala para a jaula mal segura onde se agita uma leõa! N'um momento em que elle entrara na alcova, murmurei ao Nicolau, por cima do grog: — « O Mathias faz perfeitamente em ir para o Porto... » Nicolau encolheu os hombros: — « Sim, pensou que era mais delicado... Eu aprovei. Mas só durante os mezes de luto pesado... » Às sete horas acompanhámos o nosso amigo á Estação de Santa Apollonia. Na volta, dentro do coupé que uma grande chuva battia, philosophamos. Eu sorria, contente: — « Um anno de luto, e depois muita felicidade e muitos filhos... E' um poema acabado! » — O Nicolau acudio, serio: — « E acabado n'uma deliciosa e succulenta prosa. A divina Elisa fica com toda a sua divindade e a fortuna do Miranda, uns dez ou doze contos de renda... Pela primeira vez na nossa vida contemplamos, tu e eu, a virtude recompensada! »

Meu caro amigo! os mezes cerimonias de luto passaram, depois outros, e José Mathias não se arredou do Porto. N'esse Agosto o encontrei eu installado fundamentalmente no Hotel Francfort, onde entretinha a melancolia dos dias abrasados, fumando (porque voltara ao tabaco), lendo romances de Julio Verne, e bebendo cerveja gelada até que a tarde refrescava e elle se vestia, se perfumava, se floria para jantar na Foz.

E apesar de se acercar o bendito remate do luto e da desesperada espera, não notei no José Mathias nem alvoroço elegantemente reprimido, nem revolta contra a lentidão do tempo, velho por vezes tão moroso e tropego... Pelo contrario! Ao sorriso de radiosa certeza, que n'esses annos o illuminara com um nimbo de beatitude, succedera a seriedade carregada, toda em sombra e rugas, de quem se debate n'uma duvida irresolvel, sempre presente, roedora e dolorosa. Quer que lhe diga? N'esse verão, no Hotel Francfort, sempre me pareceu que o José Mathias, a cada instante da

sua vida accordada, mesmo emborcando a fresca cerveja, mesmo calçando as luvas ao entrar para a caleche que o levava á Foz, angustiadamente perguntava á sua consciencia : — « Que hei-de fazer? Que hei-de fazer? » — E depois uma manhã ao almoço realmente me assombrou, exclamando ao abriro jornal, com um assomo de sangue na face : « O que ! Já são 29 d'Agosto ? Santo Deus... Já o fim d'Agosto!... ».

Voltei a Lisboa, meu amigo. O inverno passou, muito secco e muito azul. Eu trabalhei nas minhas *Origens do Utilitarismo*. Um domingo, no Rocio, quando já se vendiam cravos nas tabacarias, avistei dentro d'um coupé a divina Elisa, com plumas roxas no chapeo. E n'essa semana encontrei no meu *Diario Illustrado* a noticia curta, quasi timida, do casamento da Snr<sup>a</sup> D. Elisa Miranda... Com quem, meu amigo? — Com o conhecido proprietario, o Snr Francisco Torres Nogueira!...

O meu amigo cerrou ahí o punho, e bateu na coxa, espantado. Eu tambem cerrei os punhos ambos, mas para os levantar ao Ceu onde se julgam os feitos da Terra, e clamar furiosamente, aos urros, contra a falsidade, a inconstancia ondeante e perfida, toda a enganadora torpeza das mulheres, e d'aquella especial Elisa cheia d'infamia entre as mulheres! Atraçoar á pressa, atabalhoadamente, apenas findara o luto negro, aquelle nobre, puro, intellectual Mathias! e o seu amor de dez annos, submisso e sublime!...

E depois de apontar os punhos para o Ceu ainda os apertava na cabeça, gritando : — « Mas por quê? por quê? » — Por amor? Durante annos ella amara enlevadamente este moço, e d'um amor que se não desilludira nem se fartara, porque permanecia suspenso, immaterial, insatisfeito. Por ambição? Torres Nogueira era um ocioso amavel como José Mathias, e possuia em vinhas hypothecadas os mesmos cincoenta ou sessenta contos que o José Mathias herdara agora do tio Garmilde em terras excellentes e livres. Então porque? Certamente porque os grossos bigodes negros do Torres Nogueira appeteciam mais á sua carne, do que o buço loiro e pensativo do José Mathias! Ah! bem ensinara S. João Chrisologo que a mulher é um monturo d'impureza, erguido á porta do Inferno!

Pois, meu amigo, quando eu assim rugia, encontro uma tarde na rua do Alecrim o nosso Nicolau da Barca, que salta da tipoia, me empurra para um portal, agarra excitadamente no meu pobre braço, e exclama, engasgado : — « Já sabes? Foi o José Mathias que recusou! Ella escreveu. esteve no Porto, chorou... Elle nem consentio em a ver! Não quiz casar, não quer casar! » Fiquei trespassado. — « E então ella... » — « Despeitada, fortemente cercada pelo Torres, cansada da viuvice, com aquelles bellos trinta annos em botão, que diabo, coitada, casou! » Eu ergui os braços até a abobada do pateo : — « Mas então esse sublime amor do José Mathias? ». O Nicolau, seu intimo e confidente, jurou com irrecusavel seguranca : — « Eo mesmo sempre! Infinito, absoluto... Mas não quer casar! » — Ambos nos olhamos, e depois ambos nos separamos, encolhendo os hombros, com aquelle assombro resignado que convem a espiritos prudentes perante o Incognoscivel. Mas eu Philosopho, e portanto espirito imprudente, toda essa noite esfuraquei o acto do

José Mathias com a ponta d'uma Psychologia que expressamente aguçara : — e já de madrugada, estafado, conclui, como se conclue sempre em Philosophia, que me encontrava deante d'uma Causa Primaria, portanto impenetravel, onde se quebraria, sem vantagem para elle, para mim, ou para o Mundo, a ponta do meu Instrumento!

Depois a divina Elisa casou, e continuou habitando a Parreira com o seu Torres Nogueiras, no conforto e socego que já gozara com o seu Mattos Miranda. No meado do verão José Mathias recolheu do Porto a Arroios, ao casarão do tio Garmilde, onde reoccupou os seus antigos quartos, com as varandas para o jardim, já florido de dahlias que ninguem tratava. Veio Agosto, como sempre em Lisboa silencioso e quente. Aos domingos José Mathias jantava com D. Mafalda de Noronha, em Bemfica, solitariamente, — porque o Torres Nogueira não conhecia aquella venerada senhora da Quinta dos Cedros. A divina Elisa, com vestidos claros, passeava á tarde no jardim entre as rozeiras. De sorte que a unica mudança, n'aquelle doce canto d'Arroios, parecia ser o Mattos Miranda no seu bello jazigo dos Prazeres, todo de marmore — e o Torres Nogueira no leito excellentemente d'Elisa.

Havia porem uma tremenda e dolorosa mudança — a do José Mathias! Adivinha o meu amigo como esse desgraçado consumia os seus estereis dias? Com os olhos e a memoria e a alma e todo o ser cravados no terraço, nas janellas, nos jardins da Parreira! Mas agora não era de vidraças largamente abertas, em aberto extasi, com o sorriso de segura beatitude: era por traz das cortinas fechadas, atravez d'uma escassa fenda, escondido, surripiando furtivamente os brancos sulcos do vestido branco, com a face toda devastada pela angustia e pela derrota. E comprehende porque soffria assim, este pobre coração? Certamente porque Elisa, desdenhada pelos seus braços fechados, correrá logo, sem lucta, sem escrupulos, para outros braços, mais accessiveis e promptos... Não, meu amigo! E note agora a complicada subtilidade d'esta paixão. O José Mathias permanecia devotamente crente de que Elisa, na profundidade da sua alma, n'esse sagrado fundo espiritual onde não entram as imposições das conveniencias, nem as decisões da razão pura, nem os impetos do orgulho, nem as emoções da carne — o amava, a elle, unicamente a elle, e com um amor que não deperecera, não se alterara, floria em todo o seu viço, mesmo sem ser regado ou tratado, como a antiga Rosa Mystica! O que o torturava, meu amigo, o que lhe cavara longas rugas em curtos mezes, era que um homem, um macho, um bruto, se tivesse apoderado d'aquella mulher que era suã! e que do modo mais santo e mais socialmente puro, sob o patrocínio enternecido da Igreja e do Estado, lambuzasse com os rijos bigodes negros, á farta, os divinos labios que elle nunca ousara roçar, na supersticiosa reverencia e quasi no terror da sua divindade! Como lhe direi?... O sentimento d'este extraordinario Mathias era o de um monge, prostrado ante uma Imagem da Virgem, em transcendente enlevo — quando de repente um bestial sacrilego trepa ao altar, e ergue obscenamente a tunica da Imagem! O meu amigo sorri... E então o Mattos Miranda? Ah! meu amigo! esse era diabetico, e grave, e obeso! e já

existia installado na Parreira, com a sua obesidade e a sua diabetes, quando elle conheceu Elisa e lhe dera para sempre vida e coração. E o Torres Nogueira, esse, rompera brutalmente atravez do seu purissimo amor, com os negros bigodes, e os carnudos braços, e o rijo arranque d'um antigo pegador de toiros, e empolgara aquella mulher — a quem revelara talvez o que é um homem!

Mas com os demonios! essa mulher elle a recusára, quando ella se lhe offerencia, na frescura e na grandeza d'um sentimento que nenhum desdém ainda ressequira ou abattera. Que quer?... É a espantosa tortuosidade espirital d'este Mathias! Ao cabo d'uns mezes elle *esquecera*, positivamente *esquecera* essa recusa affrontosa, como se fóra um leve desencontro d'interesses materiaes ou sociaes, passado ha mezes, no Norte, e a que a distancia e o tempo dissipavam a realidade e a amargura leve!. E agora, aqui em Lisbôa, com as janellas d'Elisa deante das suas janellas e as rosas dos dous jardins unidos rescendendo na sombra, a dôr presente, a dor real, era que elle amara sublimemente uma mulher, e que a collocara entre as estrellas para mais pura adoração, e que um bruto moreno de bigodes negros arrancara essa mulher d'entre as estrellas e a arremessara para a cama!

Enredado caso, hein, meu amigo? Ah! muito philosopheei sobre elle, por dever de philosopho! E conclui que o Mathias era um doente, atacado de hyper-espiritualismo, d'uma inflammação violenta e putrida do espiritalismo, que recebera apavoradamente as materialidades do casamento, as chinellas, a pelle pouco fresca ao acordar, um ventre enorme durante seis mezes, os meninos berrando no berço molhado... E agora rugia de furor e tormento porque certo materialão, ao lado, se promptificara a aceitar Elisa em camisola de lã. Um imbecil?... Não, meu amigo! um ultraromantico, loucamente alheio ás realidades fortes da vida, que nunca suspeitou que chinellas e cueiros sujos de meninos são coisas de superior belleza em casa em que entre o sol e haja amor.

E sabe o meu amigo o que exacerbou, mais furiosamente, este tormento? É que a pobre Elisa mostrava pcr elle a antigo amor! Que lhe parece? Infernal, hein?... Pelo menos se não sentia o antigo amor, intacto na sua essencia, forte como outrora e unico, conservava pelo pobre Mathias uma irresistivel curiosidade e repetia os gestos d'esse amor.... Talvez fosse apenas a fatalidade dos jardins visinhos! Não sei. Mas logo desde Setembro, quando o Torres Nogueira partio para as suas vinhas de Carcavellos assistir á vindima, ella recommçou, da borda do terraço, por sobre as rosas e as dahlias abertas, aquella doce remessa de doces olhares com que durante dez annos extasiara o coração do José Mathias.

Não creio que se escrevessem por cima do muro do jardim, como sob o regimen paternal do Mattos Miranda.. O novo senhor, o homem robusto da bigodeira negra, impunha á divina Elisa, mesmo de longe, d'entre as vinhas de Carcavellos, retrahimento e prudencia. E acalmada por aquelle marido, moço e forte, menos sentiria agora a necessidade d'algum encontro discreto na sombra tepida da noite, mesmo quando a sua elegancia moral e o rigido idealismo do José Mathias consentissem em aproveitar uma escada contra o muro... De resto

Elisa era fundamentalmente honesta; e conservava o respeito sagrado do seu corpo, por o sentir tão bello e cuidadosamente feito por Deus — mais do que da sua alma. E quem sabe?... Talvez a adoravel mulher pertencesse á bella raça d'aquella marquesa italiana, a Marqueza Julia de Malfieri, que conservava dois amorosos ao seu doce serviço, um poeta para as delicadesas romanticas e um cocheiro para as necessidades grosseiras.

Emfim, meu amigo, não psychologuemos mais sobre esta viva, atraz do morto que morreu por ella! O facto foi que Elisa e o seu amigo insensivelmente recahiram na velha união ideal atravez dos jardins em flôr. E em outubro, como o Torres Nogueira continuava a vindimar em Carcavellos, o José Mathias, para contemplar o terraço da Parreira, já abria de novo as vidraças, larga e extaticamente!

Parece que um tão extremo espiritalista, reconquistando a idealidade do antigo amor, devia reentrar tambem na antiga felicidade perfeita. Elle reinava na alma immortal d'Elisa — que importava que outro se occupasse do seu corpo mortal? Mas não! o pobre moço soffria, angustiadamente. E, para sacudir a pungencia d'estes tormentos, findou, elle tão sereno, d'uma tão doce harmonia de modos, por se tornar um agitado. Ah! meu amigo, que redemoinho e estrepito de vida! Desesperadamente, durante um anno, remecheu, aturdiu, escandalisou Lisbôa! São d'esse tempo algumas das suas extravagancias lendarias... Conhece a da ceia? Uma ceia offerecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras viellas do Bairro-Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavallo branco, com um immenso chicote, conduzio aos altos da Graça, para saudar a apparição do sol!

Mas todo este alarido não lhe dissipou a dôr — e foi então que, n'esse inverno, começou a jogar e a beber! Todo o dia se encerrava em casa (certamente por traz das vidraças, agora que Torres Nogueira regressara das vinhas) com olhos e alma cravados no terraço fatal; depois á noite, quando as janellas d'Elisa se apagavam, sahia n'uma tipoia, sempre a mesma, a tipoia do *Gago*, corria á roleta do Bravo, depois ao club do « Cavalheiro », onde jogava freneticamente até a tardia hora de ceiar, n'um gabinete de restaurante, com molhos de vellas accesas, e o Collares e o Champagne e o Cognac correndo em jorros desesperados.

E está vida, espicaçada pelas Furias, durou annos, sete annos! Todas as terras que lhe deixara o tio Garmilde se foram largamente jogadas e bebidas: e só lhe restava o casarão d'Arroios e o dinheiro apressado por que o hypothecara. Mas subitamente desapareceu de todos os antros de vinho e de jogo. E soubemos que o Torres Nogueira estava morrendo com uma anasarcha!

Por esse tempo, e por causa d'um negocio do Nicolau da Barca que me telegraphara anciosamente da sua quinta de Santarem (negocio embrulhado, d'uma lettra), procurei o José Mathias em Arroios, ás dez horas, n'uma noite quente d'Abril. O creado, emquanto me conduzia pelo corredor mal allumiado, já desadornado das ricas arcas e talhas da India do velho Garmilde, confessou que

S. Ex. não acabara de jantar... E ainda me lembro, com um arripio, da impressão desolada que me deu o desgraçado! Era no quarto que abria sobre os dous jardins. Deante d'uma janella, que as cortinas de damasco cerravam, a mesa resplandecia, com duas serpentinas, um cesto de rosas brancas, e algumas das nobres pratas do Garmilde : e ao lado, todo estendido n'uma poltrona, com o collete branco desabotoado, a face livida descahida sobre o peito, um copo vasio na mão inerte, o José Mathias parecia adormecido ou morto.

Quando lhe toquei no hombro, ergueu n'um sobresalto a cabeça, toda despenteada : — « Que horas são ? » — Apenas lhe gritei, n'um gesto alegre, para o despertar, que era tarde que eram dez, encheu precipitadamente o copo, da garrafa mais

um roupão branco, parada á beira do terraço, como esquecida n'uma contemplação. Era Elisa, meu amigo! Por traz, no fundo do quarto claro, o marido certamente arquejava, na oppressão da anasarcha. Ella, immovel, repousava, mandando um doce olhar, talvez um sorriso, ao seu doce amigo. O miseravel, fascinado, sem respirar, sorvia o encanto d'aquella visão bemfazeja. E entre elles rescendiam, na molleza da noite, todas as flôres dos dous jardins... Subitamente Elisa recolheu, á pressa, chamada por algum gemido ou impaciencia do pobre Torres. E as janellas logo se fecharam, toda a luz e vida se sumiram na casa da Parreira.

Então José Mathias, com um soluço despedaçado, de transbordante tormento, cambaleou, tão anciadamente se agarrou á cortina que a rasgou,



chegada, de vinho branco, e bebeu lentamente, com a mão, a tremer, a tremer... Depois, arre-dando os cabellos da testa humida : — « Então que ha de novo ? » — Esgascado, sem compreender, escutou, como n'um sonho, o recado que lhe mandava o Nicolau. Por fim com um suspiro, remexeu uma garrafa de Champagne dentro do balde em que ella gelava, encheu outro copo, murmurando : — « Um calôr... Uma sede!... » Mas não bebeu : arrancou o corpo pesado á poltrona de verga, e forçou os passos mal firmes para a janella, a que abriu violentamente as cortinas, depois a vidraça... E ficou hirto, como colhido pelo silencio e escuro socego da noite estrellada. Eu espreitei, meu amigo! Na caza da Parreira duas janellas brilhavam, fortemente allumiadas, abertas á macia aragem. E essa claridade viva envolvia uma figura branca, nas longas pregas de

e tombou desamparado nos braços que lhe estendi, e em que o arrastei para a cadeira, pesadamente, como a um morto ou a um bebedor. Mas, volvido um momento, com espanto meu, o extraordinario homem descerra os olhos, sorri n'um lento e inerte sorriso murmura quasi serenamente : — « É o calor... Está um calor! Você não quer tomar chá? ».

Recusei e abalei — emquanto elle, indifferente á minha fuga, estendido na poltrona, accendia tremulamente um immenso charuto.

Santo Deus! já estamos em S<sup>a</sup> Isabel! Como estes lagoias vão arrastando depressa o pobre José Mathias para o pó e para o verme final! Pois, meu amigo, depois d'essa curiosa noite, o Torres Nogueira morreu. A divina Elisa, durante o novo

luto, recolheu á quinta d'uma cunhada tambem viuva, á « Corte Moreira », ao pé de Beja. E o José Mathias inteiramente se sumio, se evaporou, sem que me revoassem novas d'elle mesmo incertas — tanto mais que o intimo por quem as conheceria, o nosso brilhante Nicolau da Barca, partira para a ilha da Madeira, com o seu derradeiro pedaço de pulmão, sem esperança, por dever classico, quasi dever social, de thisico.

Todo esse anno, tambem, andei enfronhado no meu *Ensaio dos Phenomenos Affectivos*. Depois, um dia, no começo do verão, descendo pela rua de S. Bento, com os olhos levantados, a procurar o n° 214, onde se catalogava a livraria do Morgado d'Azemel, quem avisto eu á varanda d'uma casa nova e d'esquina? A divina Elisa, mettendo folhas d'allface na gaiola de um canario! E bella, meu amigo! mais cheia e mais harmoniosa, toda madura e succulenta e desejavel, apesar de ter festejado em Beja os seus quarenta e dous annos! Mas aquella mulher era da grande raça d'Helena que, quarenta annos tambem depois do cerco de Troia, ainda deslumbrava os homens mortaes e os Deuses immortaes. E curioso acaso! logo n'essa tarde, pelo Secco, o João Secco da Bibliotheca, que catalogava a livraria do Morgado, conheci a nova historia d'esta Helena admiravel.

A divina Elisa tinha agora um amante... E unicamente por não poder, com a sua costumada honestidade, possuir um legitimo e terceiro marido. O ditoso moço que ella adorava era com effeito casado... Casado em Beja com uma hespanhola, que ao cabo d'um anno d'esse casamento e d'outros requebros, partira para Sevilha, passar devotamente a Semana-Santa, e lá adormecera nos braços d'um riquissimo creador de gado. O marido, pacato apontador das Obras-Publicas, continuara em Beja, onde tambem vagamente ensinava um vago desenho... Ora uma das suas discipulas era a filha da senhora da Corte Moreira: e ahí na quinta, emquanto elle guiava o esfuminho da menina, Elisa o conheceu e o amou, com uma paixão tão urgente, que o arrancou precipitadamente ás Obras-Publicas, e o arrastou a Lisboa, cidade mais propicia do que Beja a uma felicidade escandalosa e que se esconde. O João Secco é de Beja, onde passara o Natal; conhecia perfeitamente o apontador, as senhoras da Corte Moreira; e comprehendeu o romance, quando das janellas d'esse n° 214, onde catalogava a Livraria do Azemel, reconheceu Elisa na varanda da esqina, e o apontador enfiando regaladamente o portão, bem vestido, bem calçado, de luvas claras, com a apparencia de ser infinitamente mais ditoso n'aquellas obras particulares do que nas Publicas.

E d'essa mesma janella do 214 o conheci eu tambem, o apontador! Bello moço, solido, branco, de barba escura, em excellentes condições de quantidade (e talvez mesmo de qualidade) para encher um coração viuvo, e portanto « vasio », como diz a Biblia. Eu frequentava esse n° 214, interessado no catalogo da Livraria, porque o Morgado d'Azemel possuia, pelo ironico acaso das heranças, uma colleccão incomparavel dos Philosophos do seculo XVIII. E passadas semanas, sahindo d'esses livros uma noite (o João Secco trabalhava de noite) e parando adiante, á beira d'um portal aberto, para accender o charuto, enxergo á luz

trememente do phosphoro, mettido na sombra, o José Mathias! Mas que José Mathias, meu caro amigo! Para o considerar mais detidamente raspei outro phosphoro. Pobre José Mathias! Deixara crescer a barba, uma barba rara, indecisa, suja, molle como cotão amarellado: deixara crescer o cabello, que lhe surdia em farripas seccas de sob um velho chapéu côco: mas todo elle, no resto, parecia diminuido, minguado, dentro d'uma quinzena de mescla enxovalhada, e d'umas calças pretas, de grandes bolsos, onde escondia as mãos com o gesto tradicional, tão infinitamente triste, da miseria ociosa. Na espantada lastima que me tomou, apenas balbuciei: — « Ora esta, Você! Então que é feito? » — Elle, com a sua mansidão polida, mas seccamente, para se desembaraçar, e n'uma voz que a aguardente enrouquecera: « Por aqui, á espera de um sujeito. » — Não insisti, seguí. Depois, adiante, parando, verifiquei o que n'um relance adivinhara — que o portal negro ficava em frente ao predio novo e ás varandas d'Elisa!

Pois, meu amigo, tres annos viveu o José Mathias encafuado n'aquelle portal!

Era um d'esses pateos da Lisbôa antiga, sem porteiro, sempre escancarados, sempre sujos, cavernas lateraes da rua, d'onde ninguem escorraça os escondidos da miseria ou da dôr. Ao lado havia uma taberna. Infallivelmente, ao anoitecer, o José Mathias descia a rua de S. Bento, collado aos muros, e, como uma sombra, mergulhava na sombra do portal. A essa hora já as janellas de Elisa luziam, d'inverno embaciadas pela nevoa fina, de verão ainda abertas e arejando no repouso e na calma. E para ellas, immovel, com as mãos nas algibeiras, o José Mathias se quedava em contemplação. Cada meia-hora, subtilmente, enfiava para a taberna. Copo de vinho, copo d'aguardente; — e, de mansinho, recolhia á negrura do portal, ao seu extasi. Quando as janellas d'Elisa se apagavam, ainda arrastava através da longa noite, mesmo das negras noites d'inverno, encolhido, transido, a bater as sólas rotas no lagedo, — ou sentado ao fundo, nos degraus da escada, esmagando os olhos turvos na fachada negra d'aquella casa onde a sabia dormindo com o outro!

Ao principio, para fumar um cigarro apressado, trepava até ao patamar deserto, a esconder o lume que o denunciaria no seu escondirijo. Mas depois, meu amigo, fumava incessantemente, collado á hobreira, puxando o cigarro com ancia, para que a ponta rebrilhasse, o allumiasse! E percebe porquê, meu amigo?... Porque Elisa já descobrira que, dentro d'aquelle portal, a adorar submissamente as suas janellas, com a alma d'outrora, estava o seu pobre José Mathias!

E acreditará o meu amigo que então, todas as noites, ou por traz da vidraça ou encostada á varanda (com o apontador dentro, estirado no sophá, já de chinellas, lendo o *Jornal da Noite*), ella se demorava a fitar o portal, muito quieta, sem outro gesto, n'aquelle antigo e mudo olhar do terrço por sobre as rosas e as dahlias? O José Mathias percebera, deslumbrado. E agora avivava desesperadamente o lume, como um pharol, para guiar na escuridão os amados olhos d'ella, e lhe mostrar que alli estava, transido, todo seu, e fiel!

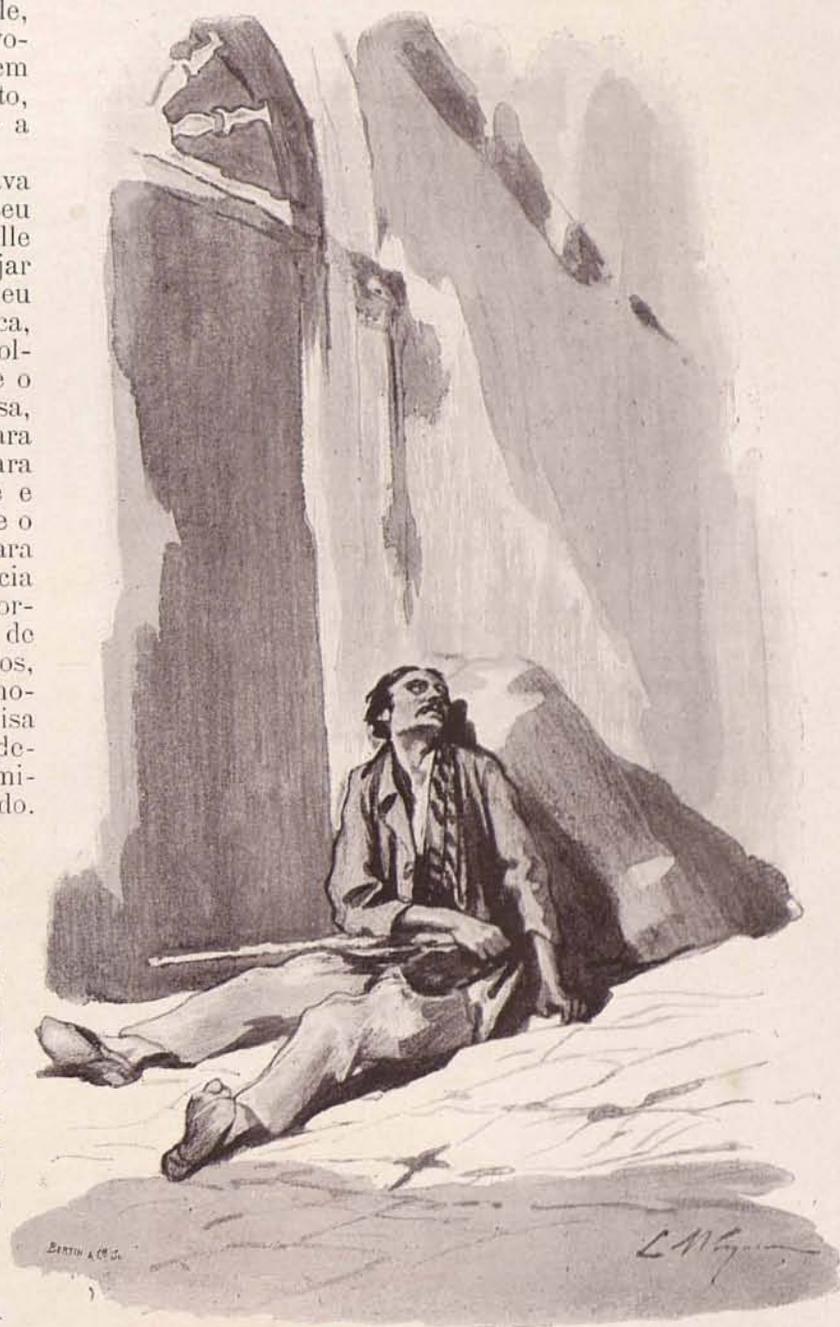
De dia nunca elle passava na rua de S. Bento!

Como ousaria, com o jaquetão roto nos cotovellos e as botas cambadas? Porque aquelle moço d'elegancia sobria e fina tombara na miseria do andrajo. Onde arranjava mesmo cada dia os tres patacos para o vinho e para a posta de bacalhau nas tabernas? Não sei... Mas louvemos a divina Elisa, meu amigo! Muito delicadamente, por caminhos arredados e astutos, ella, rica, procurara estabelecer uma pensão ao José Mathias, mendigo. Situação picante, hein? A grata senhora dando duas mesadas aos seus dous homens — o amante do corpo e o amante da alma. Elle, porem, adivinhou d'onde procedia a pavorosa esmola — e recusou, sem revolta, nem alarido de orgulho, até com enternecimento, até com uma lagrima nas palpebras que a aguardente enflammára!

Mas, só com noite muito cerrada, ousava descer á rua de S. Bento e enfiar para o seu portal. E adivinha o meu amigo como elle gastava o dia? A espreitar, a seguir, a farejar o apontador d'Obras-Publicas! Sim, meu amigo! uma curiosidade insaciada, frenetica, atroz, por aquelle homem, que Elisa escolhera!... Os dous anteriores o Miranda e o Nogueira, tinham entrado na alcôva d'Elisa, publicamente, pela porta da Igreja, e para outros fins humanos alem do amor — para possuir um lar, talvez filhos, estabilidade e quietação na vida. Mas este era meramente o amante, que ella nomeara e mantinha só para ser amada: e n'essa união não apparecia outro motivo racional senão que os dous corpos se unissem. Não se fartava portanto de o estudar, na figura, na roupa, nos modos, ancioso por saber bem como era esse homem, que, para se completar, a sua Elisa preferira entre a turba dos homens. Por decencia o apontador morava na outra extremidade da rua de S. Bento, deante do Mercado. E essa parte da rua, onde o não surprenderião, na sua pelintrice, os olhos d'Elisa, era o paradeiro do José Mathias, logo de manhã, para mirar, farejar o homem, quando elle recolhia da casa d'Elisa, ainda quente do calor da sua alcôva. Depois não o largava, cautelosamente, como um larpio, rastejando de longe no seu rasto. E eu suspeito que o seguia assim, menos por curiosidade perversa, do que para verificar se, atravez das tentações de Lisboa, teriveis para um apontador de Beja, o homem conservava o corpo fiel a Elisa. Em serviço da felicidade d'ella — fiscalisava o amante da mulher que amava!

Requinte furioso d'espiritualismo e devoção, meu amigo! A alma d'Elisa era sua e recebia perennemente a adoração perenne: e agora queria que o corpo de Elisa não fosse menos adorado, nem menos lealmente, por aquelle a quem ella entregara o corpo! Mas o apontador era facilmente fiel a uma mulher tão formosa, tão rica, de meias de sêda, de brilhantes nas orelhas, que o deslumbrava. E quem sabe, meu amigo? talvez esta fidelidade, preto carnal á divindade de Elisa, fosse para o José Mathias a derradeira felicidade que lhe concedeu a vida. Assim me persuado porque, no inverno passado, encontrei o apontador, n'uma

manhã de chuva, comprando camelias a um florista da rua do Ouro; e defronte, a uma esquina, o José Mathias, escaveirado, esfrangalhado, cocava o homem, com carinho, quasi com gratidão! E talvez n'essa noite, no portal, tiritando, battendo as solas encharcadas, com os olhos enternecidos nas escuras vidraças, pensasse: — « Coitadinha, pobre Elisa, ficou bem contente por elle lhe trazer as flôres! »



Isto durou tres annos.

Emfim, meu amigo, antes d'hontem, o João Secco appareceu em minha casa, de tarde, esbaforido: — « Lá levaram o José Mathias, n'uma maca, para o hospital, com uma congestão nos pulmões! »

Parece que o encontraram, de madrugada, estirado no ladrilho, todo encolhido no jaquetão delgado, arquejando, com a face coberta de morte,

voltada para as varandas d'Elisa. Corri ao Hospital. Morrera... Subi, com o medico de serviço, á enfermaria. Levantei o lençol que o cobria. Na abertura da camisa suja e rota, preso ao pescoço por um cordão, conservava um saquinho de seda, poido e sujo tambem. De certo continha flôr, ou cabellos, ou pedaço de renda d'Elisa, do tempo do primeiro encanto e das tardes de Bemfica... Perguntei ao medico, que o conhecia e o lastimava, se elle soffrera — « Não! Teve um momento comatoso, depois arregalou os olhos, exclamou *Oh!* com grande espanto, e ficou. »

Era o grito da alma, no assombro e horror de morrer tambem? Ou era a alma triumphando por se reconhecer enfim immortal e livre? O meu amigo não sabe; nem o soube o divino Platão; nem o saberá o derradeiro philosopho na derradeira tarde do mundo.

Chegámos ao cimiterio. Creio que devemos pegar ás borlas do caixão... Na verdade, é bem singular este Alves *Capão*, seguindo tão sentidamente o nosso pobre espiritualista... Mas, Santo-

Deus, olhe! Alem, á espera, á porta da Egreja, aquelle sujeito compenetrado, de casaca, com paletot alvedio... E o apontador das Obras Publicas! E traz um grosso ramo de violetas... Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar á cova e cobrir de flôres o seu amante espiritual. Mas, oh meu amigo, pensemos que certamente nunca ella pediria ao José Mathias para espalhar violetas sobre o cadaver do apontador! É que sempre a Materia, mesmo sem o comprehender, sem d'elle tirar a sua felicidade, adorará o Espirito, e sempre a si propria, atravez dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdem! Grande consôlo, meu amigo, este apontador com o seu ramo, para um Metaphysico que, como eu, commentou Spinoso e Mallebranche, rehabilitou Fichte, e provou sufficientemente a illusão da sensação! Só por isto valeu a penna trazer á sua cova este inexplicado José Mathias, que era talvez muito mais que um homem — ou talvez ainda menos que um homem... Com effeito está frio; — mas que linda tarde!

EÇA DE QUEIROZ.



# A Viagem do rei de Sião

**N**ão é cousa muito banal nas côrtes europeas o receber-se a visita de um rei asiático.

Sua majestade Sondeth Maha Fschulalonkorn, rei do Sião é o primeiro a dar o exemplo e a sua viagem á Europa, tem como objectivo o jubiléu da rainha Victoria, soberana grandemente acatada e respeitada n'esse remoto paiz do Indo-China.

Sondetch Maha subio ao throno em 1868 e conta actualmente quarenta e cinco annos de idade. O seu vasto e immenso paiz é povoado por seis milhões de habitantes e na sua capital Bangkok, habitam quinhentas mil almas.

Essa bella cidade, residencia da familia real, constitue hoje um dos objectivos do viajante moderno. A originalidade e o pittoresco das suas construcções, a mistura da civilisação indiana e asiatica que se manifesta nos seus monumentos, os celebres pagodes de marfim e a inopencia

grandiosa dos palacios reaes, de par com os usos e costumes dos seus habitantes, fasmem d'ella um interessante centro a visitar.

Uma das grandes curiosidades do paiz é a caça dos elephantes que em numerosos rebanhos vagabundeiam nas planicies e montanhas. Um edicto real prohibe, sob pena de morte, a caça do elephante branco, considerado como animal sagrado.

A civilisação e a industria européa têm, n'estes ultimos dez annos, feito grandes progressos nas cidades livremente abertas ao commercio do occidente, mas a



SONDETH MAHA, Rei do Sião.

maior parte do paiz ainda não se libertou dos preconceitos e da rotina asiatica.

Soudeth Maha deixou as costas Siamesas a bordo do seu magnifico Yacht Maha-Chakri, que é ao mesmo tempo um moderno e aperfeiçoado cruzador de primeira classe. Não quer isto dizer, que a marinha do rei do Sião seja rica em vasos de guerra, rivalizando com a do seu parente o heroico mikado; muito pelo contrario, a força naval do reino é só constituida por umas pobres e inoffensivas canhoneiras, que passeiam tristemente pelas aguas do Mé-Nam e a construcção do Maha-Chakri foi sómente ordenada, para satisfação e gozo de Sua Majestade.

É natural que de regresso á patria, Soudeth Maha imprima uma outra feição ao governo do seu paiz, desenvolvendo a industria, o commercio, organisando o militarismo e creando uma grande marinha que fará um magestoso sequito o seu Yacht cruzador. Poderá assim Sua Majestade, em alguns annos mais, faser á Europa, na qual tranquillamente hoje viaja e observa, uma d'essas surpresas, que revolucionam e sobressaltam os governos do Occidente.



S. M. a Rainha do Sião.

# SUMMARIO SOCIAL E POLITICO



CRISE oriental que ameaçava conflagrar todo o Occidente, desencadeando sobre elle a lucta das rivalidades e das reivindicações, parece felizmente resolvida; pela intervenção directa e effizaz do jovem monarcha Russo. O telegramma de Nicolau II enviado a Yldiz-Kiosk, produz o effeito soberano dos *pedidos* cheios de prestigio e autoridade, nos quaes a formula banal e delicada não pode occultar a autoridade plena e absoluta. O herdeiro dos Romanoffs não ignora, naturalmente, em que tom lhe é permittido conversar, seriamente, com o chefe dos Osmanlis.

O exercito do propheta, que victorioso e sanguinario espalhou a destruição e a morte em toda a Thessalia, recebeu nos muros de Domokos, ultima praça conquistada, ordens terminantes para negociar um armisticio. Mais uma vez se affirmou a influencia poderosa do Tsar nas grandes crises europeas, e praza a Deus que Sua Magestade possa, com successo, fazer terminar esta triste campanha, salvando a dignidade de um grande povo e garantindo effizazmente os bens do vencido.

O machiavelismo e as delongas, que o primeiro ministro do Sultão tem posto em practica, desde o começo das negociações da paz, provão exuberantemente a má fé da Turquia, desmascarando as suas intenções de conquista e dando um publico desmentido ás promessas de Abd-Ul-Hamid, que declarou, até aos ultimos momentos, fazer uma guerra puramente defensiva. As entrevistas e as conferencias que sem o minimo resultado se realizão todos os dias em Constantinopla, entre os ministros ottomanos e os embaixadores europeus, parecem claramente indicar um plano cheio d'astucia e manha, posto tristemente em practica pelo Sultão e a sua gente, com o unico e determinado fim de fatigar a diplomacia, ganhando ao mesmo tempo o prazo necessario para organizar o funcionalismo e o governo da Thessalia.

Obedecendo á pressão de São Petersburgo a

Sublime Porta vê-se forçada a ordenar a cessação das hostilidades, mas, sempre de accordo com a sua politica dubia e falsa, procura tirar d'esse armisticio, que lhe é imposto, a maior somma de proveitos possivel. Uma legião de empregados de todas as categorias, forão enviados ás cidades conquistadas, para montar e organizar a velha e enferrujada machina da administração ottomana, emquanto que emissarios de toda a especie visitão o paiz nos seus ultimos recantos, pedindo assignaturas para os manifestos fabricados em Constantino-*pla* e nos quaes se supplica, ao Crescente, como obra de caridade, a annexação d'essa mesma provincia. Os direitos nas alfandegas e as percepções dos impostos, já são exigidos de accordo com as tarifas turcas, sobrecarregadas de uma grande porcentagem a titulo de indemnisação de guerra.

À espera que o dominador musulmano decida dos destinos de um povo, entre as baforadas do *nargilé* e as caricias da favorita, os seus não mais appressados ministros, em fatigantes conferencias, acabrunhão os embaixadores europeos de exigencias pretenciosas e insolentes. Reclamão elles, alem d'esse immenso territorio que occupão pela força, uma colossal indemnização que será naturalmente partilhada entre os cofres do palacio imperial e as algibeiras do partido militar, pois nin-

guem ignora que o bem publico e os melhoramentos do paiz, são barbaros e desconhecidos preconceitos que não se usão nas terras de Mafoma. A Turquia explora e explorará até ao ultimo instante qualquer desaccordo ou difficuldades que se manifestem nas deliberações das potencias. O seu proceder no interior e as falsas declarações feitas pelos seus representantes no exterior, são as provas constantes da sua pouca sinceridade. E de esperar que o bello exemplo dado por Nicolau II seja o ponto de partida de uma serie de medidas energicas, manifestando a solidariedade das nações do Occidente.

E que não mais seja dada a occasião de ver-se



NICOLAU II

um grande soberano, poderoso e influente, favorecer com o prestígio da sua amizade e o valor dos seus conselhos, as pretensões irrealizáveis, que a embriaguez das fáceis victórias fez nascer no espirito do Sultão e dos seus nefastos conselheiros.

Essa bateria de artilharia grega, capturada pelos soldados de Edem-Pacha e que, do theatro da guerra, é directamente expedida a Berlim, como modesto penhor de amizade e gratidão, prova bastante o quanto Abd-Ul-Hamid conta e espera da protecção de Guilherme II.

É de uma ingenuidade sem commentarios, que Sua Magestade o Sultão não comprehenda a impossibilidade, que existe para um governo europeu, de se transformar em carabineiro, gratuito ou assalariado ás ordens da Turquia. E se por desgraça essa aberração se manifestasse, seria seguramente como ponto de partida de uma conflagração geral, na qual o proprio imperio musulmano seria o primeiro a desaparecer do numero das nações.

O imperador d'Allemanha, força é confessar, representou, desde o começo da crise oriental, um papel ingrato, injusto e bem pouco conforme ás tradições gloriosas da sua raça. Uma pura questão de familia, mal interpretada, e que muito contrariou a sua imperial vontade, servio de pretexto a uma serie de actos autoritarios, hostis e cheios de rancor, com os quaes sua magestade fulminou até os ultimas momentos o pobre governo de Athenas. Prestando um valioso apoio moral á Turquia, o soberano allemão resuscitou um paiz morto, que por si só era incapaz de menor tentativa e que jamais estaria apto para organizar e fazer uma guerra, conseguindo n'ella resultados de um grande alcance moral. Um velho diplomata muito ao corrente dos negocios do Oriente, commenta a posição de Guilherme II e mostra as grandes vantagens politicas, militares e mesmo commerciaes que a Allemanha acaba de obter.

« Todo o material de guerra pouco aperfeiçoado e que lhe enchia os arsenaes, — diz elle — foi mandado a Constantinopla e pago a muito bom dinheiro. Os seus officiaes partirão para as fronteiras gregas, organizando a mobilisação, a concentração das tropas turcas e finalmente conduzindo-as á victoria, garantindo assim a preponderancia militar e politica da Allemanha na Turquia. Hoje esse paiz

poderá facilmente oppor um corpo de exercito de cem mil homens a uma invasão da Armenia pela Russia. Um milhão e meio de espingardas Mausers acaba de ser encommendado em Berlim e o effectivo actual de setecentos e cincoenta mil homens, pode ser elevado, por uma rapida mobilisação, a um milhão e quinhentos mil. A Allemanha poz em practica, a seu proveito contra a Russia, o projecto que teve Napoleão I, quando enviou o general Sebastiani a Constantinopla, iniciando ao mesmo tempo uma nova phase para a sua politica, a creação e o desenvolvimento da sua influencia no Oriente. » É como acabamos de ver uma bem dura e ingrata tarefa que o governo de Berlim se impõe a si mesmo. Nem toda a gloria militar da Germania, nem a força colossal de que dispõe o chefe dos Hoenzollerns, nem o auxilio poderoso dos seus alliados,

são estimulantes sufficientes para dar ao organismo turco a vitalidade necessaria, transformando-o em nação militar capaz de fazer face a um paiz qualquer do Occidente. Para conter os arreganhos da soldadesca do Sultão e a decantada sciencia dos seus estrategistas de ultima hora, bastaria que a Europa deixasse em liberdade esses pequenos estados Balkanicos, que offerecem, no seu todo, uma força armada respeitavel e capaz de inflingir aos soldados do Crescente, lições bem aproveitaveis e bem merecidas.

Guilherme II é um grande monarcha e um dos soberanos mais perspicazes que reinam actualmente na Europa. A herança gloriosa dos seus antepassados, o prestígio do seu nome e o valor dos seus exercitos, jamais serão em-

pregados no *ressurexit* de um Lazaro musulmano.

As grandes manufacturas militares allemãs necessitam forçosamente de mercados. Abd-Ul-Hamid apresenta-se como comprador de primeira ordem e pagando á vista. É natural que o recebam bem e que o tratem melhor.

E quanto á bateria grega, presente de Constantinopla, Sua Magestade pensará naturalmente que, a vingança sendo o prazer dos Deuses, a sua destinação está claramente indicada. E na primeira festa de familia a celebrar, ella será simplesmente enviada a Athenas como presente de paz e de conciliação consignado ao seu cunhado e *amigo* o principe Constantino, a quem de direito ella pertence.

M. BOTELHO.



GUILHERME II

# CELEBRIDADES THEATRAES

## O CANTOR PORTUGUEZ SOUZA COUTINHO



COM o título de: *O Marquez de Souza deante do seu busto de Falstaff*, o jornal allemão *Illustrirte Zeitung* publicou, recentemente, a gravura que abaixo reproduzimos.

Essa gravura é, como os nossos leitores veem, um curioso retrato do distincto barytono portuguez Souza Coutinho, que, com grandes successos, soube interpretar o difficil personagem da recente opera de Verdi, cantando com uma graça e arte admiraveis, e ser-

vindo-se habilmente da sua esplendida voz de barytono, uma das melhores que se conhecem.

## ELEONORA DUZE

**A** CELEBRE artista que Paris acaba de consagrar, vio a luz do dia n'um *waggon* de segunda classe nas proximidades de Veneza.

A sua certidão de baptismo indica o seguinte: « Duse Eleonora-Julia-Amalia, filha de Duse Vincenzo, artista dramatico e de Angelina Capuletti; nascida a 3 de outubro de 1858 ás duas horas da manhã e baptisada a 5 do mesmo mez, tendo como padrinho seu tio Enrico Duse. » A grande artista conta pois trinta e nove annos menos 4 mezes.

A sua carreira dramatica affirma-se por um pleno e espontaneo desenvolvimento. Aos quatro annos de idade, representava ella o papel de Cosette nos *Miseraveis*. Tendo de supportar n'esta peça, as brutalidades de uma velha cruel, a pobre menina ouvia a todos os momentos a voz de sua mãe que lhe dava coragem, e que, occulta por traz dos bastidores, lhe disia: « Não chores Dusita, é para que o publico se divirta que te fazem mal. » E a pequena artista, na sua ingenuidade de creança, não comprehendia como o praser de uns depende do soffrimento de outros.

N'um theatro de Verona, aos quatorze annos de idade, Duse obtem um grande triumpho, representando o personagem amoroso e casto de Julietta, na celebre e conhecida tragedia do poeta inglez. Quatro annos mais tarde, em Napoles, fazendo parte da troupe da famosa

Pezzana, recebe, da mesma artista, ordem de estudar o difficilimo papel de Theresa, da grande obra de Zola, *Theresa Raquin*. Este papel foi o inicio da sua gloriosa carreira. O successo alcançado collocou a jovem Duse a par das grandes artistas.

Na scena capital entre as duas mulheres, Eleonora, arrebatada pelo ardor da paixão, sustentou corajosamente a replica da grande Pezzana, e possuida de verdadeira inspiração, trocou com sua adversaria, respostas admiraveis e cheias de uma sublime naturalidade, na bella indignação que Zola dá ao seu personagem. O publico acclamou igualmente a mestra e a discipula, consagrando n'essa noite a grande artista, que bem cedo seria universalmente conhecida.

De Vienna a São Petersburgo, de Nova York a São Francisco, do Brasil ao Prata, os seus triumphos forão incessantes.

Hoje Paris confirma, permita-se-nos o termo, a genial artista, que o mundo de ha muito proclamou como uma segunda Sarah-Bernard.

Segunda é, mas com todas as grandes qualidades da primeira e possuindo, ainda, a verdadeira naturalidade da arte, que a celebre artista francesa já fez beneficiar do modernismo dos tempos e do snobismo do seu publico pariziense.

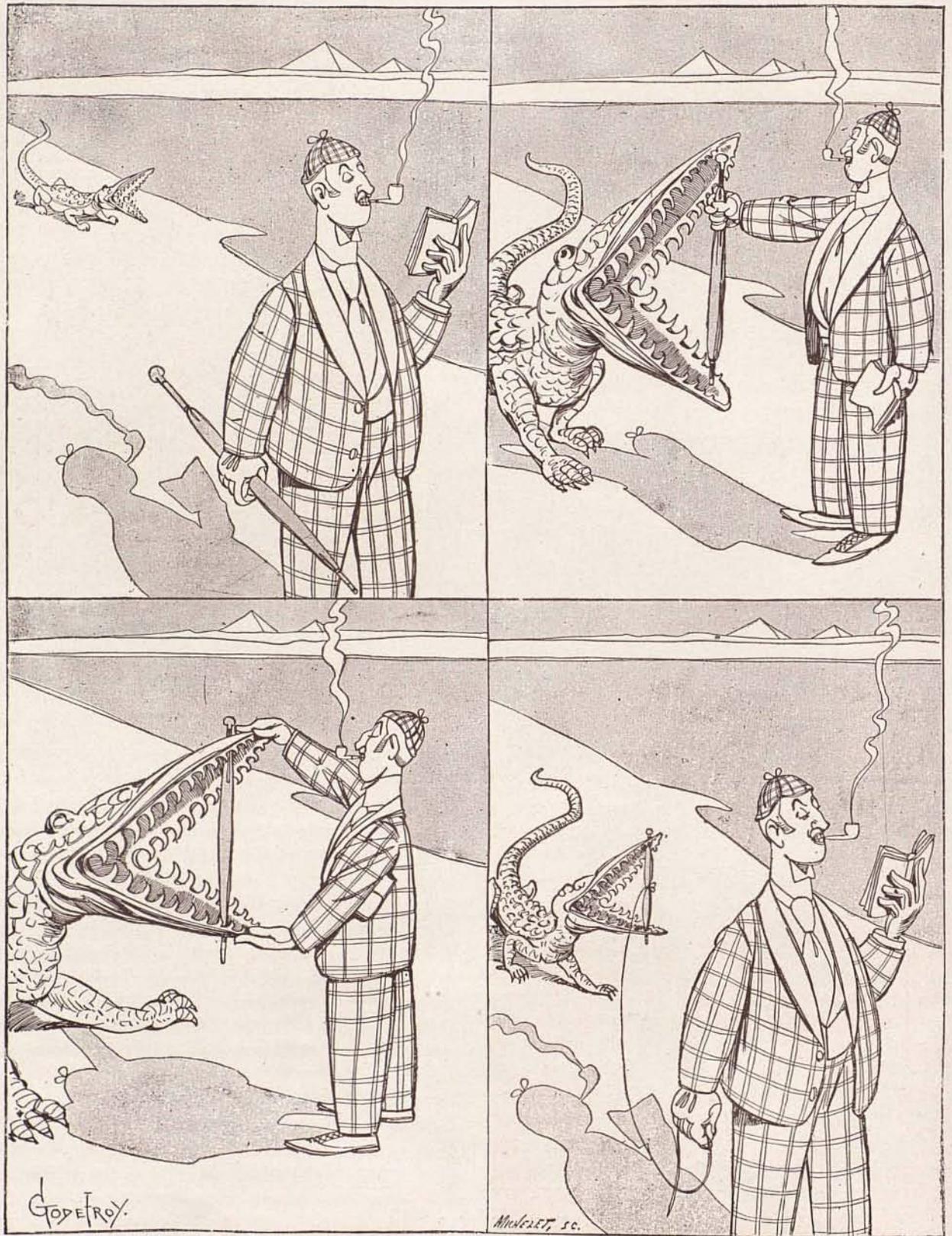
\*\*\*



ELEONORA LUZE

Souvenir de  
Eleonora Luze.  
Paris 99.

PAGINA COMICA



UM SOLIDO GUARDA-CHUVA

# O SALÃO DO CAMPO DE MARTE



E da ultima exposição de pintura dos Campos Elyseos não fica impressão duradoura nem sequer salutar reminiscencia, do Salão dos Artistas Independentes traz-se, em compensação, a persistente memoria de uma

verdadeira obra de arte, de uma tēla de merito absoluto, feita de commovente simplicidade e de sentida inspiração.

Essa obra é o *Christo na Cruz* de Eugenio Carrière. No azul crepuscular de um religioso mysterio, Jesus agonisa pregado na Cruz. O peso do seu corpo exangue, esgarça-lhe as mãos ensanguentadas e estica, n'um doloroso esforço, os longos braços.

Ao lado da Cruz, a mãe piedosa e doce, cheia de lagrimas, soluça. O seu divino rosto desfigurado pela dôr, tem uma expressão de soffrimento tão humana, que parece querer symbolisar todo o humano soffrimento.

Tudo n'este quadro vive, palpita e soffre, desde o peito de Jesus, arfando no ultimo estertor, até ás mãos de Maria maternas, consoladoras e supplicantes.



SOUZA-PINTO. — Durante o Repouso.



BERNARD. — Retrato de Mulher.

Raras vezes o divino drama encontrou interpretação mais singela e mais sublime.

Ao lado d'esta magistral pintura, outros trabalhos de incontestavel valor reclamam a attenção do visitante.

Os bellos quadros de Albert Besnard, por exemplo. Não se pinta melhor a macia alvura dos collos femininos nem os alegres reflexos dos estofos.

A sua figura de mulher vestida de claro, que se volta, n'um movimento de uma graciosa desenvoltura, é sabia composição de mestre, habituado a seguir com desenho subtil, as delicadezas da forma, e as perfeições do modelo.

Não menos habil perscrutador de belleza é Aman Jean que este anno, todavia, não me parece ter sido tão feliz como nas exposições precedentes.

O *Retrato de mulher n'um parque* tem o melancolico symbolismo que constitue a sua maneira, mas o encanto, que habitualmente resalta das obras de Aman Jean perde-se d'esta vez no indecizo de uma perspectiva falsa, e na fria tonalidade de um colorido convencional.

Melhores me parecem os dois retratos de mulher por Zorn, tratados n'uma poderosa e desenvolta factura. O *Retrato de M<sup>me</sup> B...* é um dos seus melhores estudos.



E. CARRIERE. — O Christo.

N'esta exposição, de resto, os retratos abundam, desde os grupos aristocraticos e amaneirados de J. E. Blanche, até aos estudos indiscretos quasi satiricos — mas quão reaes! — de Boldini; desde *O Retrato da Avó* de Flandrin, desenho forte e original, até ao Pescador de Hugo; desde a expressiva physionomia de Rochefort, até ao pretencioso retrato de Desboutin pintado por elle proprio.

Para sair d'esta arte uniforme e iamos quasi a dizer photographica, nada melhor do que admirar as poeticas télas de Helleu, este prodigioso evocador dos tempos de outr'ora.

O seu quadro de *Versailles* é uma incontestavel maravilha.

Na agua quieta e esverdeada de um lago — de uma d'aquellas admiraveis bacias de marmore que eram o orgulho do *Grande Rei* — as folhas mortas cahem silenciosamente na quietação nostalgica de uma tarde de outomno; e cada folha que cahe é como a passageira evocação das grandes cousas extinctas.

Helleu, que é um gravador celebre, e um retratista muito apreciado, principalmente na Inglaterra, revelou-se n'esta tela paysagista de valor, possuindo uma grande sciencia da luz e da cor, e uma par-

ticular intuição do sentimento da natureza.

Esta intuição, revela-se tambem na bella marinha de G. Colin. *Maré d'equinoxio*, onde a transparencia do oceano parece descobrir insondaveis abyssmos e reflectir medonhas agonias.

Gosto menos dos quadros de Boudin, ainda que a sua marinha do Havre tenha, incontestavelmente, uma certa frescura. Os seus estudos de Veneza são conscienciosos, mas banaes.

René Billote continua a preferir para assumpto das suas tellas, a *barrière* de Paris, e sabe, como ninguem, arrancar um pedaço de arte á geometrica linha das fortificações ou á uniformidade de uma pedreira.

Raffaelli, animado pelas seus successos da America, continua a photographar, os monumentes de Paris.

A notar ainda n'este rapido e despretencioso *compte-rendu*:

A magistral téla de W. Alexander o *Vestido amarelo*; a graciosa composição de Boullard *A Lição* de uma encantadora simplicidade; a *vendedeira de maçans* de Cottet, d'uma factura barbara, mas extraordinariamente rica; a fria e extranha composição: *A caminho do Tumulo*, de Piot.

Dos portuguezes, só expoz — que eu saiba, — n'este salão, o Sr. Alberto Pinto, irmão do grande artista Souza Pinto e pintor tambem de muito merito. O seu quadro *Durante o repouso* é uma pequena obra-prima, de côr sua-

vissima e repassada de muito sentimento.

LUDVICUS.



BOULLARD. — A Lição.

# ELEGÂNCIA E MODA



Chapeu de feltro debreado de galão *Ibis*. Dois grandes tu-  
fos de tafetá *Ibis*, e pennas  
de ave do paraizo.

Vestido em serge bege guarnecida de  
galões de veludo. Aberto adiante for-  
mando revez.  
Collete de piqué branco, com galões de  
veludo formando atacador.

Chapeu de veludo azul-violi-  
no com pennas pretas pre-  
gadas por um broche phan-  
tasia.

# SPORT

## OS TRES GRANDES PREMIOS

### DERBY DE CHANTILLY

Por um verdadeiro *tour de force*, conseguimos dar aos nossos leitores, como factos palpitanes e da maior actualidade o *compte-rendu* das tres grandes reuniões de Chantilly, Auteuil e Longchamp.

conduzindo mais de 100 mil pessoas, para a grande festa do *Derby*.

O bello campo de corridas de Chantilly, no alto de uma pequena collina, dominando o quadro maravilhoso da floresta e do castello, regorgitava de uma multidão, que cheia de calor e de impaciencia, esperava o grande momento. Logo que o signal foi dado, 12 combatentes, cheios de esperança e *d'entrain*, rompem a toda a brida



PALMISTE Vencedor do Derby de Chantilly.

Os maiores acontecimentos da bella estação sportiva são, incontestavelmente estas tres corridas motivadas pelos tres grandes premios que se disputam nos tres primeiros hippodromos de Paris.

Durante toda a manhã de 30 de maio, innumerous comboios litteralmente cheios, partiam da gare do norte,

disputando renhidamente o premio de honra e a gloria de vencedor. Até aos ultimos momentos, a victoria é indecisa entre os quatro primeiros que luctão com desespero, conseguindo finalmente *Palmiste* tomar a deanteira, ganhando por um corpo *Doge* e *Flacon*, que chegam quasi em parrelha seguidos por *Chambertin*. O triumpho

de Palmiste, ruidosamente aclamado, dá ao seu proprietário, o barão de Schickler a bella quantia de 180,000 francos.

### O GRANDE STEEPLE D'AUTEUIL



Mlle Marsy.

**O** TEMPO magnifico que presidio a festa de Chantilly, mais uma vez favoreceu o grande premio do Steeple-Chase de Auteuil. Um dia esplendido e radiante, um verdadeiro dia de festa, cheio de luz e calor, realçou o quadro pittoresco d'essa reunião que constitue um dos *rendez-vous* mais elegantes da grande sociedade francesa e estrangeira.

O recinto da *pesagem* era desde a entrada um verdadeiro encanto para os olhos, com as suas plantas trepadeiras cheias de

em terraços e balcões floridos. A perspectiva d'essa immensa multidão, na qual a abundancia das toilettes claras, avivadas por un dardejante sol de verão punha uma nota fresca e alegre, constituia um espectáculo unico, que por si só justificaria o grande successo do dia. À hora regulamentar, 16 animaes se alinham, deante das tribunas, promptos a disputar o grande premio. A bandeira do *starter* abaixa-se, dando o signal de uma magnifica partida. *Solitaire* toma a frente desde o começo e valentemente a conserva até ao poste do vencedor, onde chega com uma deanteira de vinte corpos sobre *Valois* que é por sua vez seguido com a mesma distancia por *Gudrou*, sendo o restante do grupo tristemente distanciado e disperso.

A colossal victoria de *Solitaire*, filho de Fra Diavolo e grande *favorito do dia*, causou um enorme e geral successo, e mais especialmente por ser o mesmo, propriedade de Mlle Marsy, a illustre artista da Comedia Francesa que o adquirira quinze dias antes.

M. Grasset seu ex-proprietario, riscado do Turf francez em virtude de um inquerito sobre o seu modo de proceder, poz ultimamente á venda toda a sua caudalaria. Mlle Marsy propoz-lhe n'essa occasião, a compra de *Solitaire* por 80,000 francos, tomando o compromisso de acrescentar mais 40,000 caso fosse elle o vencedor. Custou pois a Mlle Mars Brochard, nome Sportivo de Mlle Marsy, a quantia de 120,000 francos o vencedor do grande Steeple-Chase de 97.

flôres, que transformavão

as galerias das tribunas



SOLITAIRE Vencedor do Grande Steeple d'Auteuil.

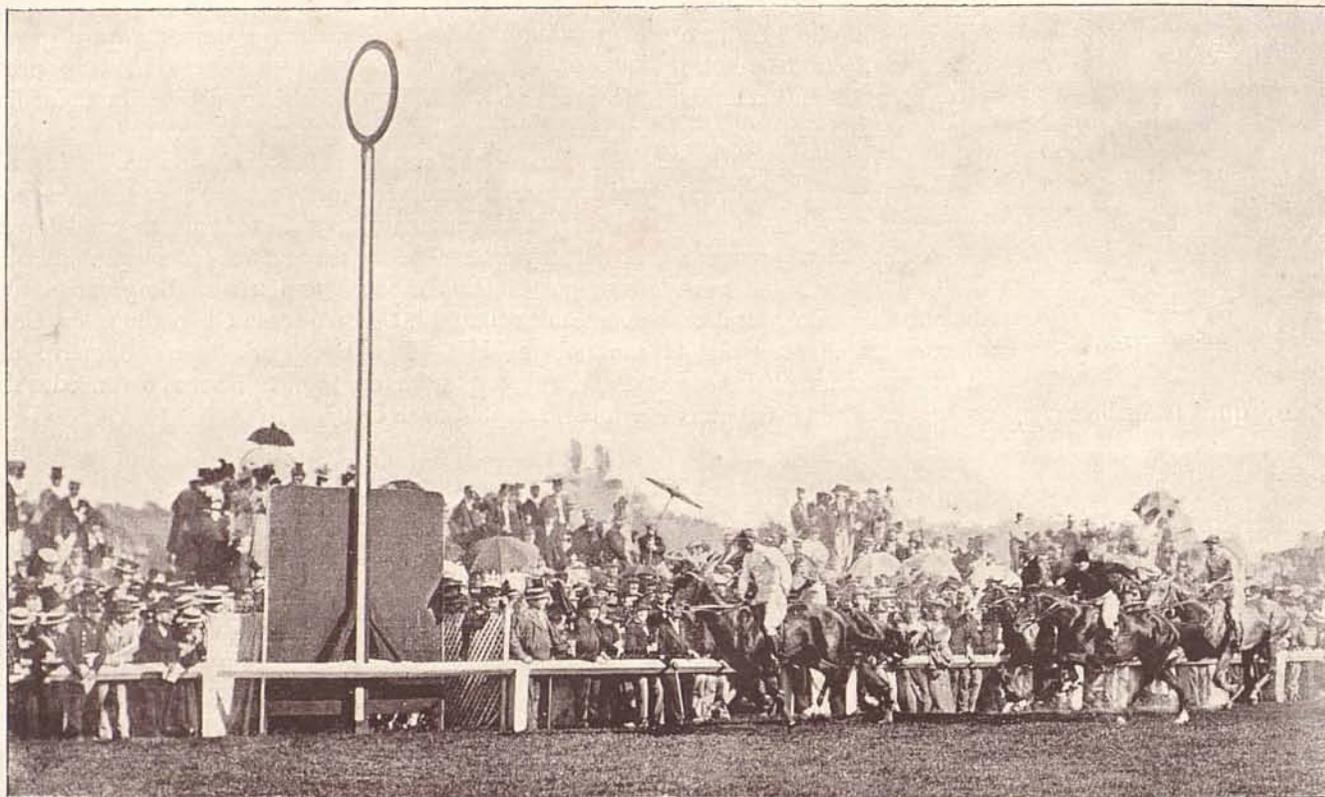
## O GRANDE PREMIO DE LONGCHAMPS

O **GRAND Prix de Paris**, como verdadeira chave de ouro, fecha a estação das grandes festas mundanas e parisienses. Nas poucas linhas de que dispomos é-nos materialmente impossível fazer a menor descripção d'esse grande acontecimento, que só por si attrahe a presença de mais de cem mil estrangeiros.

A pittoresca turba—multa, composta de um povaréo

finas e delicadas, que mereceriam o pincel amestrado de um genial artista. A creme da elegancia feminina, largamente representada por princesas de sangue, damas de alta linhagem, estrangeiras nobres, burguezas de primeira cathegoria e o infallivel e numeroso batalhão de Cithera, tudo arvorando e expondo toilettes claras e primaveris, inundadas pela grande e poderosa luz de um reconfortante sòl de Junho. A mulher pariziense em geral, não completa como belleza, é de uma elegancia e de uma perfeição decorativa tal, que o effeito produzido por centenaes d'essas creaturas vaporosas e multicolores é verdadeiramente deslumbrante.

O momento do grande premio é chegado e para dispu-



DOGE Chegando primeiro, ao « poteau », no Grande Premio de Longchamp.

informe, multicolor e barulhento que se agita desde a praça da Concordia até as bancadas de Longchamp, gozando com avidez o regalo dominical e saboreando com delicia o spectaculo incessante d'esse desfilar unico e grandioso, onde milhares de equipagens, principescas e plebéias, rolão em um continuo vai e vem, constitue a mais original e a mais bella das perspectivas e que só n'esta grande festa pariziense, é dado presenciar.

No vasto recinto da *pesagem*, á sombra dos castanheiros, nos pavilhões das apostas, regorgitando as tribunas e espalhada pela verde relva a multidão é toda outra e o quadro muda de cõres conseguindo *nuances* tão

tal-o com brio e valor dez campeões estão em linha. O juiz da partida com facilidade dá o signal obrigatorio e a dezena dos combatentes parte á busca do bello premio de duzentos mil francos, que caberá ao vencedor. A cavallhada a toda a brida passa como um furacão no meio de um silencio geral. Um minuto mais tarde resôa um grito, depois outro e milhares se succedem acclamando *Doge* como triumphador do dia, acompanhado de *Roxelane* um dos grandes favoritos.

O *pari-mutuel*, sòmente nas operações do Grand Prix, produzio a quantia de um milhão e oitocentos mil francos.

S. MARCELLO.

29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS



29 e 31

Passage Jouffroy

PARIS

# AU ROI D'YVETOT

## GUILLAUMOT

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889

*Casa especial de Roupa Branca para homens*

GRANDE SORTIMENTO DE

Camizas - Gravatas - Meias - Ceroulas e Camizas de Meia  
Luvas - Lenços - etc.

REDACÇÃO

19, Boul.  
Montmartre  
PARIS

De meio dia  
as 4 horas.

ASSIGNATURA  
de um anno

França . . . 20 fr.  
Estrangeiro . 22 fr.



ADMINISTRAÇÃO

19, Boul.  
Montmartre  
PARIS

De meio dia  
as 4 horas.

ASSIGNATURA  
de um anno

França . . . 20 fr.  
Estrangeiro . 22 fr.

# LE BRÉSIL

17 ANOS DE EXISTENCIA

Correio d'America do Sul; apparecendo todos os domingos, com informações e noticias completas sobre todos os ESTADOS DO BRAZIL e um resumo dos acontecimentos mais importantes das republicas Hispano-Americanas.

*Numero avulso : 50 centimos.*

LE BRÉSIL acha-se á venda, em Paris, nos kiosques de jornaes, em frente ao Grand-Hôtel.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Le Gérant : E. LANCE.

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL  
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA  
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

*Cada numero contem 32 paginas de texto profusamente illustrado, impresso em excellente papel fabricado especialmente para a « Revista » — e um supplemento — hors texte — consistindo ou na reproducção pela gravura dos melhores quadros ou na publicação de trechos musicaes celebres e de actualidade.*

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

| BRAZIL        |           | PORTUGAL      |           |
|---------------|-----------|---------------|-----------|
| Um anno       | 50 \$ 000 | Um anno       | 12 \$ 000 |
| 6 mezes       | 30 \$ 000 | 6 mezes       | 7 \$ 000  |
| Numero avulso | 2 \$ 500  | Numero avulso | 500       |

### FRANÇA

e outros paizes da União Postal

|               |            |
|---------------|------------|
| Um anno       | 40 francos |
| 6 mezes       | 24         |
| Numero avulso | 2          |

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTEZ CASAS.

### BRAZIL

Rio de Janeiro  
São Paulo  
Pernambuco  
Pará  
Pelotas

LARBIENT E C<sup>as</sup>. Rua do Ouvidor  
CASA GARRAIS, Rua de S. Noronha  
LARBIENT E C<sup>as</sup>. Rua Marquês de Olinda  
Livraria Commercial, Rua João Alfredo  
CARLOS PINTO F C<sup>as</sup>.

### PORTUGAL

Lisboa: LIVRARIA PERRIRA, Rua Augusta. — LIVRARIA GOMES, Esquadra  
Porto: LIVRARIA LELLO E IRMAO, Rua do Almada, 16.

### PARIS

Escriptorio e Administracão  
18, rue de Laborde

LIBRAIRIE NOUVELLE  
Boulevard des Filles

### LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C<sup>as</sup>  
11, Queen Victoria Street

Partindo brevemente para o Brazil, será nosso representante ahí, com plenos poderes para tratar dos interesses da Revista o nosso distincto amigo e compatriota Snr. Jayme Dias.